



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES - CH
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA – UAH
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**“EDUCAR PARA CASAR E MANTER-SE CASADA”: O FEMININO NA
REVISTA JORNAL DAS MOÇAS NA DÉCADA DE 1930**

CAMILA NOGUEIRA BELARMINO

CAMPINA GRANDE – PB

2016

CAMILA NOGUEIRA BELARMINO

**“EDUCAR PARA CASAR E MANTER-SE CASADA”: O FEMININO NA
REVISTA JORNAL DAS MOÇAS NA DÉCADA DE 1930**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande - PB, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Eronildes Câmara Araújo

**CAMPINA GRANDE - PB
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

B426e

Belarmino, Camila Nogueira.

Educar para casar e manter-se casada: o feminino na Revista Jornal das Moças na década de 1930 / Camila Barata Cavalcanti. – Campina Grande, 2016.
66 f. : il.

Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2016.

"Orientação: Profa. Dra. Eronildes Câmara Araújo".

Referências.

1. Feminismo. 2. Educação de Gênero – Mulher. 3. Análise do Discurso – Revista Jornal das Moças. I. Araújo, Eronildes Câmara. II. Título.

CDU 305-055.2(043)



Biblioteca Setorial do CDSA. Maio de 2025.

Sumé - PB

CAMILA NOGUEIRA BELARMINO

**“EDUCAR PARA CASAR E MANTER-SE CASADA”: O FEMININO NA
REVISTA JORNAL DAS MOÇAS NA DÉCADA DE 1930**

Monografia Avaliada em 21/10/2016 com o conceito

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a. Eronildes Câmara Araújo
(Orientadora)

Prof.^a. Silêde Leila Oliveira Cavalcanti

Doutoranda Débora da Silva Souza

*Dedico este trabalho a minha avó Celina,
um exemplo de mulher forte e bondosa.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse, ao longo de minha vida, e não somente nestes anos como universitária, mas que em todos os momentos é o maior mestre que pude conhecer. A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração que possibilitaram aumentar meus conhecimentos.

A minha orientadora Nilda, pelas suas correções e consultas, em especial sua paciência e disposição em me orientar. Agradeço a banca composta por Débora e Silêde por se disporem a contribuir nesse último passo tão importante na vida acadêmica. A professora de Prática de Ensino Regina Nascimento pelos seus conselhos sensatos em relação à escrita da monografia e ao estágio.

Ao meu pai Carlos que apesar de todas as suas dificuldades me deu forças e me mostrou que a coragem é uma escolha. A minha avó Celina que aceitou e apoiou todas as minhas decisões no tocante ao curso mesmo não concordando com algumas delas.

Obrigada minha tia Maria Elza, que nos momentos de minha ausência dedicados ao estudo superior, sempre me fez entender que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente. Obrigada tia Maria Helena por me acolher em sua casa sempre que preciso e a tia Zefinha por sua disposição em me ajudar sem hesitações sempre que a procurei.

Meus agradecimentos Alisson Pinheiro e Ronyone Araújo, por serem solidários comigo, essa monografia também é de vocês.

A Ana Paula Alves por me mostrar que amizade verdadeira supera o tempo sem nos vermos e a distância geográfica que nos separa. A Juliana Costa por seu companheirismo, alegria, sinceridade e franqueza — uma amiga como você não se encontra todo dia. A Juliana Amâncio e Danielly Silva por suas conversas, risadas e dicas compartilhadas comigo.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para essa jornada acadêmica meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

O estudo de gênero é um campo bastante analisado no Brasil, com variadas possibilidades de problematização. Entre elas a relação entre mulher e leitura feminina, discussão estudada nessa monografia que utiliza como fonte historiográfica a revista “Jornal das Moças” (1914-1965). Esse periódico publicado no Rio de Janeiro era distribuído nas grandes cidades brasileiras e abordava assuntos como moda, beleza, cinema e casamento — com o intuito de entreter as leitoras, mas também instruí-las através de seus conselhos de beleza e comportamento. O discurso presente na revista era consonante com que o Estado, a Igreja e o Discurso Jurídico produziam para classe média feminina dos anos 1930. Essas ideias, por sua vez, eram vestígios do que o Estado higienista elaborou para as brasileiras: uma mulher maternal, aparência jovem e caucasiana, e com tendência ao casamento. Desse modo é pretendido discutir os discursos da revista “Jornal das Moças” durante a década de 1930 sobre educação de gênero, problematizando as identidades femininas. Antes de adentrar no estudo da revista, será analisada a construção da mulher-mãe no Brasil pelo Estado higienista e a mulher-mãe dos anos 1930. A revista se insere nesse contexto de distração e instrução, veiculando um padrão de comportamento feminino sutil ou diretamente pelo conteúdo publicado. A pesquisa foi realizada através do estudo da edição da revista (direção, capa, diagramação, seções) e de alguns conteúdos como contos, propagandas, conselhos de beleza e cuidados maternos. E esse estudo é operacionalizado através da análise dos discursos da revista “Jornal das Moças” sobre a maternidade como um lugar para a mulher; da problematização das prescrições higienistas sobre o corpo feminino contidas nas propagandas e dicas de beleza, refletindo a diferenciação de gênero e da discussão dos contos presentes no “Jornal das Moças” refletindo a identidade feminina como representação da conjugalidade moderna. Os pressupostos teórico-metodológicos basearam-se em Michel Foucault (1979), a partir de suas proposições acerca dos conceitos de discurso e de norma, Joan Scott (1989) para problematizar a ideia de gênero e Tomaz T. da Silva (2009) na sua discussão acerca dos conceitos de identidade.

Palavras-chave: Gênero. Discurso. Revista Jornal das Moças.

ABSTRACT

The study of genre is a field very analyzed in Brazil, with varied possibilities for questioning. The relationship between wife and feminine reading, discussion studied in this monograph that uses historical source the magazine “Jornal das Moças” (1914-1965). This periodical published in Rio de Janeiro was distributed in major Brazilian cities and addressed topics such as fashion, beauty, movies and marriage — in order to entertain the readers, but also instruct them through their beauty and behavior advice. This discourse in the magazine was in line with the State, the Church and the Legal Discourse produced for middle class women of the years 1930. These ideas, in turn, were traces of what the State has drawn up for the hygienist: a maternal woman, youthful appearance and caucasian, and with a tendency to marriage. This mode is intended to discuss the discourses of the magazine “Jornal das Moças” during the 1930 about gender education, questioning the female identities. Before entering the study, will be analyzed the construction of woman-mother in Brazil by State hygienist and the woman-mother of the years 1930. The magazine inserts within this context of distraction and instruction, conveying a subtle feminine behavior pattern or directly by the content posted. The survey was conducted through the study of the issue of (directing, cover, diagramming, sections) and some content such as short stories, advertisements, beauty advice and maternal care. And this study is operationalized through the analysis of the discourses of the magazine “Jornal das Moças” about motherhood as a place for women; the problematization of hygienists on the female body requirements contained in advertisements and beauty tips, reflecting gender differentiation and the discussion of the stories present in “Jornal das Moças” reflecting the feminine identity as representation of modern conjugality. The theoretical-methodological assumptions were based on Michel Foucault (1979), from his propositions about the concepts of discourse and norm, Joan Scott (1989) to discuss the idea of genre and Tomas T. da Silva (2009) in his discussion of the concepts of identity

Keywords: Gender. Discourse. Magazine Jornal das Moças.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Capa da revista Jornal das Moças.....	25
Figura 2 Página de um exemplar da revista Jornal das Moças.....	27
Figura 3 imagem da seção Evangelho das Mães.....	29
Figura 4 Propaganda creme Pollah.....	35
Figura 5 Propaganda “Alisante”.....	36
Figura 6 Propaganda batom Tangee.....	37
Figura 7 Propaganda Saúde da Mulher.....	38
Figura 8 Propaganda Saúde da Mulher.....	39
Figura 9 Propaganda Uterosano	41
Figura 10 Propaganda Uridina “granado”.....	42
Figura 11 Propaganda xarope Bromil.....	42
Figura 12 Propaganda regulador Sian.....	45

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 – O FEMININO E A CONSTRUÇÃO DA MATERNIDADE	15
1.1 A Construção da Mulher-Mãe	16
1.2 As Transformações dos anos 30 e a maternidade	21
1.3 Jornal das Moças/Jornal das mães	22
2 - A CONSTRUÇÃO DA MULHER E DO CORPO FEMININO NA REVISTA JORNAL DAS MOÇAS.....	32
2.1 A construção da mulher e do corpo feminino	32
2.2 A diferenciação do gênero feminino e masculino na revista Jornal das Moças ...	33
2.3 O padrão feminino presente na revista Jornal das Moças.....	42
3 – AS PRESCRIÇÕES DOS CONTOS PARA AS MULHERES E A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA.....	49
3.1 A construção do amor romântico.....	50
3.2 A construção da identidade feminina.....	52
3.3 A identidade feminina como representação da conjugalidade moderna.....	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS.	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64

INTRODUÇÃO

Ler é sempre uma descoberta que não tem fim. (Rita Schultz)

O objeto de estudo proposto neste trabalho está inserido na Educação de Gênero, cujo tema central de estudo é “educar para casar e manter-se casada”: o feminino na revista *Jornal das Moças* na década de 1930. O *Jornal das Moças* (1914-1965) foi uma revista que circulou nas grandes capitais brasileiras e trazia assuntos referentes à moda, casa, filhos e casamento. Voltada para as jovens da classe média e alta, mostrava eventos da sociedade carioca, como fotos de passeios na praia e no Jockey Club, além de eventos festivos como casamentos de pessoas ilustres. Havia partituras de músicas da época, como valsas e foxtrotes, bem como resumos de filmes hollywoodianos que estreavam no momento.

Essa revista além de entreter, procurou produzir um comportamento feminino para o que era condizente para uma “moça de família” do período. Através de atitudes, vestimentas e maquiagem recomendadas pela publicação uma jovem poderia atingir o objetivo de conseguir um marido. E caso ela fosse casada, como manter o casamento. Vale mencionar que as maiorias das prescrições eram feitas de forma sutil, através de contos, ilustrações, e propagandas de produtos voltados para o gênero feminino. Além de matérias específicas que continham dicas de comportamento que buscavam educar as leitoras ao que era considerada uma postura adequada. Sendo que a conduta feminina aconselhada pela revista divergia do que era esperado do comportamento masculino do período.

A escolha do tema Educação de Gênero partiu do interesse e curiosidade em revistas destinadas ao público feminino que circularam antigamente. Sendo estudante de história e leitora de revistas dirigidas a adolescentes tinha curiosidade em saber se havia e como eram revistas antigas para jovens. Ao encontrar *Jornal das Moças* me encantei pela mesma e me intriguei com o seu conteúdo. Pois o formato e os temas abordados eram diferentes das de agora e pensei em qual seria a razão disso e de sua publicação. Esse foi o primeiro interesse e após ler a revista, percebi que o conteúdo presente poderia mostrar além de como as moças de outrora se distraíam.

Nota-se que a revista trazia não apenas dicas de beleza e de moda, mas também dicas de comportamento para conquistar um marido e ser uma boa mãe – temáticas diferentes das publicações atuais voltadas para as jovens. Percebe-se também como essas dicas refletiam o pensamento vigente da época no tocante às mulheres ou sugerido para elas, intencionalmente ou não por parte da publicação.

Esse estudo busca contribuir para a temática de gênero através da análise desse periódico que produziu um padrão de conduta e de identidade para as leitoras e as razões para haver essa produção no tocante ao feminino no período. E para refletir se o discurso vigente de certos setores da sociedade (igreja, maioria masculina da população) dirigido às mulheres não seria resquício de alguns consensos de outrora e como isso afeta as brasileiras. Exemplos disso é a incompreensão de setores da sociedade diante de mulheres que se recusam a engravidar ou casar ou a desigualdade salarial baseada em diferenças sexuais.

O objetivo geral é discutir os discursos da revista *Jornal das Moças* sobre educação de gênero, problematizando as identidades femininas. A problemática dessa monografia é indagar como revista *Jornal das Moças* produziu durante os anos 1930 uma educação de gênero a partir de identidades femininas. Tentou-se responder essa questão através da análise dos discursos da revista *Jornal das Moças* sobre a maternidade como um lugar para a mulher; da problematização das prescrições higienistas sobre o corpo feminino contidas nas propagandas e dicas de beleza, refletindo a diferenciação de gênero e da discussão dos contos presentes no *Jornal das Moças* refletindo a identidade feminina como representação da conjugalidade moderna.

A fonte documental desta monografia é o acervo digital da revista *Jornal das Moças*¹. Foram analisadas 38 edições da revista da década de 1930, sendo 14 delas utilizadas de forma direta através de imagens copiadas ou trechos transcritos. Além de uma monografia que trata do assunto estudado. A tese de doutorado em educação de Nukacia Almeida (2008) pela Universidade Federal do Ceará, onde a estudiosa analisa como um suporte textual, especificamente a Revista *Jornal das Moças*, cuja finalidade comunicativa não fosse determinar normas e injunções, atua na propagação de normas sociais que paulatinamente vão sendo assimiladas pela mulher. Os conceitos utilizados para essa tese foram educação, leitura, suporte textual, discurso, mulher e civilidade.

¹ Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/jornal-mocas/111031>.

Almeida (2008) adentra história da Leitura e descreve inicialmente, as práticas de leitura no Ocidente e as práticas de leitura femininas. Através dessa análise e descrição explica a relação existente entre circulação de escritos e leitores. Essa corrente da História descreve e explica a relação das sociedades com impressos e analisa a leitura como uma prática cultural, operação elaborada por Chartier (2004). Articula ainda com a História da Educação, pois ao discutir esse conceito de história envolve as capacidades de leitura, as condições de acesso aos textos e, evidentemente, o acesso à educação.

A revista é conceituada como um suporte textual e analisada em sua relação entre leitura, educação e civilidade femininas e, por fim, articulada com o discurso da civilidade. Introduzindo a contribuição da Sociologia de base histórica, a civilidade desenvolvida por Elias (1991), é o conceito com o qual operacionaliza a análise do suporte. A autora procura em Bakhtin (2000) o conceito de gênero do discurso e, dentro da Análise do Discurso, encontra conceitos-chave para proceder à investigação do discurso da civilidade (arquivo, cenografia, ethos, incorporação e interdiscurso) presente no *Jornal das Moças*.

Ela estuda o conto, anúncio publicitário, conselho e artigo de opinião. Sendo esses gêneros utilizados em um mesmo capítulo para descrever mãe, dona-de-casa e esposa e educadora qualidades atribuídas às mulheres brasileiras ao longo do tempo e que segundo Almeida (2008) aparecem na revista *Jornal das Moças*.

Esse trabalho também que utiliza a *Jornal das Moças* como fonte de estudo, mas sem adentrar no terreno da história de leitura e avaliar os méritos da revista como um suporte textual. Buscou-se analisar a revista *Jornal das Moças* dentro de um contexto dos anos 1930, período que a revista era consolidada e consonante com as ideias vigentes do período — ideias construídas no final do século XIX, mas veiculadas pela publicação diante de novas situações: Era Vargas, anos 20.

Alguns conceitos utilizados também divergem um trabalho do outro, como gênero desenvolvido por Scott, onde o “[...] gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseados nas diferenças entre os sexos e é uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1989, p.21). Sendo o corpo e o sexo vistos como elementos não apenas biológicos, mas sociais e que foram controlados, prescritos, transformados por e para a sociedade com objetivos determinados.

Norma desenvolvido por Foucault, mas utilizado por Costa (1979) em “Ordem Médica e Norma Familiar” para explicar o processo de normatização empreendido pelo

estado higienista sobre das famílias brasileiras. Essa monografia busca através desse conceito analisar a norma empreendida por esse mesmo estado juntamente com o discurso religioso e jurista sobre o comportamento feminino brasileiro.

O conceito de discurso elaborado por Foucault (1970) afirma que:

[...] O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si. (FOUCAULT, 1970, p. 49).

Relacionando esse conceito foucaultiano à produção do discurso da mulher-mãe pelo Estado higienista em meados do século XIX e que foi veiculado pela revista *Jornal das Moças* através de contos e especialmente pela seção *Evangelho das Mães*, onde havia dicas práticas e de cunho psicológico sobre a melhor forma de educar a prole.

A metodologia utilizada foi uma pesquisa documental ao acervo digital, cuja análise se deteve nas propagandas, conselhos de beleza e comportamento, contos e a criação seção *evangelho das Mães*. Cada uma desses gêneros discutidos em capítulos separados. Optei por trabalhar a década de 1930 como recorte temporal, por ser um período agitado devido a passagem dos anos 1920 e suas consequências sociais, culturais e econômicas. Além da própria década que trouxe a Revolução de 1930 e a chegada de Vargas ao poder².

Para fundamentar os processos metodológicos deste trabalho ainda são utilizados os conceitos de: *Identidade e Representação* ambos de Thomaz Tadeu da Silva (2009). Conforme o autor: “[i]dentidade e diferença] são o resultado de atos de linguística significa dizer que elas são criadas por meio de atos de linguagem. [...] Elas tem que ser nomeadas É apenas por meio de atos de fala que instituímos a identidade e a diferença como tais” (SILVA, 2009, p. 76).

Esse conceito é empregado para operacionalizar a elaboração e a prescrição de um padrão identitário feminino pelo Estado higienista cujas ideias são veiculadas na revista *Jornal das Moças* meio século depois. E representação definida “como qualquer sistema de significação, uma forma de atribuição de sentido. [...] É por meio da

² A Era Vargas marca um período onde o Brasil vivencia um governo populista, centrado na figura de um líder carismático que centraliza o poder em torno dele mesmo. Houve a adoção de algumas medidas sociais como o voto feminino e a consolidação das leis trabalhistas, mas a censura e controle da imprensa (vide fotos de comemorações políticas e ausência de conflitos políticos na revista no período estudado), e perseguição de inimigos políticos.

representação que, por assim dizer a identidade e a diferença passam a existir” (SILVA, 2009, p.91). A representação é analisada como um reforço empreendido pelo Estado higienista e pelo discurso jurista da mulher como a mãe, a rainha do lar e dona de casa. Essa representação da mulher também aparece na revista estudada através dos contos publicados na mesma.

Essa monografia está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo “O feminino e a construção da maternidade”, analisa embasado pelo conceito de discurso de Foucault, os discursos da revista *Jornal das Moças* durante os anos 1930 sobre a maternidade como exclusivo à mulher. Para tanto é problematizado o contexto histórico que permitiu a construção da mulher-mãe no Brasil. Em seguida é abordada a mulher-mãe ideal dos anos 1930, e como diante dos acontecimentos ocorridos no país, as jovens buscavam esse ideal de maternidade.

As revistas femininas auxiliaram suas leitoras nesse objetivo, entre elas a *Jornal das Moças*. Por fim é apresentado o periódico e análise da Seção Evangelho das Mães, onde houve a divulgação e reprodução de um discurso sobre a maternidade consonante com o pensamento do período.

O segundo capítulo “A construção da mulher e do corpo feminino na revista *Jornal das Moças*” problematiza as prescrições higienistas sobre o corpo feminino contidas nas propagandas e dicas de beleza na revista refletindo a diferenciação de gênero. Inicialmente será analisada a construção da mulher e do corpo feminino no Brasil, sendo fundamentado pelo conceito de gênero de Joan Scott (1989). Em seguida há uma diferenciação entre os gêneros masculino e feminino através da análise de propagandas de beleza e remédios do periódico. E finalizando o capítulo através do conceito de norma de Costa (1979), é discutido o padrão feminino presente na seção *Conselhos de Beleza*.

O último capítulo “As prescrições dos contos para mulheres e a construção identitária” discute os contos presentes na revista refletindo a identidade feminina como representação da conjugalidade moderna. É problematizada a construção do casamento moderno e suas aplicações no tocante às mulheres. Em seguida é analisada a construção da identidade feminina embasado pelos conceitos de identidade e representação de Silva (2009), ambos servindo para explicar essa identidade delegada às jovens no período estudado. E por último discute-se como o casamento moderno foi abordado no periódico baseado no estudo dos contos.

1 – O FEMININO E A CONSTRUÇÃO DA MATERNIDADE

Mãe

Estrella vésper na vida de cada um de nós; guia perpétuo que a cada momento nos aponta o caminho, ditando a conduta que devemos seguir, a nossa genitora é para nós, a mais perfeita bitácula, sem a qual nossa existência se tornaria vastíssimo deserto sem oásis. [...]

Por isso, todos os que possuem a ventura excelsa de possuí-la devem enviar aos céos as mais ferventes suplicas para que lhe sejam dados muitos dias de paz e felicidades.

(Mãe, JORNAL DAS MOÇAS, Nº. 1031, 1935, p.8 e 9)

O título acima pertence a um dos contos impressos no Jornal das Moças do início da década de 1930; pelo tom do eu-lírico percebe-se a importância da mãe para a revista e se pode supor também o papel da mulher para o período estudado. Mas vale refletir sobre essa valorização da maternidade e questionar o porquê de sua importância na revista e de sua representação como um estado desejado pela mulher. Nesse capítulo busca-se discutir essas questões.

Este capítulo tem por objetivo analisar os discursos da “Revista Jornal das Moças” durante a década de 1930 sobre a representação da maternidade como uma experiência natural da mulher. Contudo, antes de dialogar com os dados da revista é necessário problematizar o contexto histórico brasileiro que propiciou a construção desse discurso relativo às mulheres e que esteve presente no Jornal das Moças, analisando como ele foi representado como sendo algo naturalmente desejado por todas elas. Essa formulação está localizada em várias produções discursivas, em particular, no século XIX, pelo discurso médico.

Foucault (1970) em sua análise sobre o discurso o coloca como uma propagação de uma verdade nascendo diante de todos os ouvintes do discurso. Essa verdade se torna discurso com o consentimento dos ouvintes, e também é criada, produzida e não um fato que sempre existiu. Uma afirmação que foi escolhida ou consentida pelos ouvintes para tornar-se verdadeira enquanto outras foram negligenciadas ou esquecidas. Relacionando com o objeto desse estudo: a representação da maternidade como

exclusivo à mulher deve-se compreender que não é um fato absoluto, mas foi um discurso criado e permitido pelos autores do discurso sobre o feminino.

1.1 A Construção da Mulher-Mãe

Desse modo, esse discurso à respeito da mulher foi paulatinamente sendo construído pela instituições, como o estado, através do aparato judiciário e pelos médicos com interesses próprios, mas articulados, mas para a mulher aceitar esse discurso a seu respeito é preciso considerar que essa construção foi bem planejada e aplicada, ainda segundo Foucault (1970):

[...] a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1970, p.9).

A construção da imagem da mulher como meiga e maternal começou em meados do século XIX através do discurso médico. Criou-se uma imagem do homem como forte, livre e menos amoroso e, a mulher como sua antítese. O objetivo dessa construção foi para justificar os novos comportamentos idealizados para ambos os sexos. Para o homem foi construído o lugar do pai provedor, aquele que deveria ausentar-se do seu lar para buscar o sustento da família no espaço público, pelo qual deveria ter qualidades como ousadia e iniciativa. Para a mulher, as qualidades atribuídas foram a sensibilidade, a paciência, a meiguice, a imaginação e a sua zona de atuação seria o lar. Foram diferenças a partir da divisão entre os sexos com o propósito de se completarem (COSTA, 1979).

Então, ao homem representado como possuidor de um talento inato para liderança, deveria perseguir as conquistas e o reconhecimento social, político e econômico. Para a mulher devido às características mencionadas, não poderia buscar essas realizações e nem outras, como por exemplo, o direito ao voto e o ingresso em curso superior. A casa e os filhos eram o suficiente para ela.

O Estado enxergava a mulher como uma aliada para converter os filhos em submissos à nação, como sujeitos obedientes e comprometidos com os objetivos da mesma. Os médicos, como responsáveis por um discurso verdadeiro sobre o corpo

feminino, reforçavam a mulher como possuidora da naturalidade da maternidade, e, portanto a ‘chefe’ da família, com o papel de educar e cuidar dos filhos.

Essas três esferas unidas ou alternadamente criaram um discurso a respeito da mulher-mãe que foi bem diverso da ideia que se tinha disso durante o Segundo Império. A nova mãe deveria ser responsável com seus filhos e dedicar mais tempo a eles. Deveria ser mais cuidadosa com seu asseio, hábitos alimentares e sua saúde. Esse último fator foi de suma importância, mesmo que esses três aspectos estejam interligados, pois a alta taxa de mortalidade infantil registrada nas pesquisas feitas pelos médicos no início do Império incomodou os mesmos (COSTA, 1979).

Segundo Buriti que também escreve sobre a higiene durante o século XIX no Brasil:

[...] a mulher recebe especial atenção do saber médico, preocupado em modificar os hábitos coloniais que prejudicavam as novas gerações. Como resultado, novas práticas e especialidades médicas emergem, a exemplo da Obstetrícia e da Pediatria (BURITI, 2011, p.22).

O surgimento desses ramos da ciência nas universidades existentes no Brasil demonstrou a importância que a medicina passou a ter naquele período. E os ramos da obstetrícia e pediatria expressaram uma preocupação específica com a mulher e o bebê. O Estado de maneira inédita começou a lidar cientificamente com a quantidade de crianças e mulheres que morriam durante ou logo após o parto. Até o início do Império boa parte dos aprendizados nas escolas de formação portuguesas era baseada em ensinamentos escassos, vindos de preceitos religiosos de uma igreja católica e de uma inquisição “caçadora de opiniões discordantes de seu fervor ortodoxo” (DEL PRIORE, 2006, p. 79 e 88) e não estavam sintonizados com os progressos obtidos em algumas nações europeias.

Porem essas mudanças não ocorreram apenas nas universidades, mas também nas casas burguesas que deveria servir de exemplo para as demais classes. Era preciso que a saúde e a sobrevivência da criança, futuro da nação, estivessem asseguradas. Para tanto a presença da genitora foi exigida para monitorar o cotidiano dos rebentos e as medidas de asseio foram difundidas pelos higienistas. Como a diminuição de roupas muito justas e de alimentos indigestos à noite considerados impróprios à infância. (COSTA, 1979).

Um dos motivos dessa mortandade notada pelos estudiosos higiênicos era a falta de higiene naquele momento (BURITI, 2011), imprudência dos responsáveis pelas

crianças, mas também o papel secundário que a prole ocupava na família. Segundo Costa³ (1979), em uma família onde a noção de propriedade e tradição era preponderante, os filhos adquiriam status apenas quando passassem a contribuir economicamente e pudessem perpetuar os ensinamentos recebidos. E isso ocorria durante a puberdade quando passavam a ser tratados como adultos e assumiam suas funções no lar patriarcal: a moça casando-se e o rapaz administrando a propriedade ou tornando-se clérigo.

Até o Império, boa parte das mães abastadas confiavam suas crianças aos cuidados de escravas, da amamentação até a instrução feita em casa. As mães passavam pouco tempo com seus filhos, pois havia muitas tarefas na casa-grande: como observar os escravos, costurar, gerenciar as atividades da cozinha, produzir alguns utensílios de uso doméstico, cuidar das roupas da família. Essa grande quantidade de tarefas está ligada, dentre outros motivos, aos costumes e valores da época da colonização da América portuguesa.

Pois a falta de produtos de uso doméstico com os quais os colonos estavam acostumados, bem como a dificuldade de transporte dos mesmos, impulsionou a produção caseira e autossuficiência das grandes propriedades (e das pequenas também). Assim mesmo nos casarões eram comuns escravos e senhores se envolverem na execução de diversas tarefas como a preparação de alimentos que seriam usados nas refeições diárias (ALGRANTI, 1997).

A junção de lazer e labor em varias atividades foi uma das razões, que fez com que a criança não recebesse uma atenção especifica ou um momento apenas para ela, pois a matrona “costurava ou se divertia com as crianças” (ALGRANTI, 1997, p.132 e 153) simultaneamente. E a arquitetura das construções do período colonial também expressava que elas não recebiam atenção especial porque “não se encontra menção [...] a um espaço especifico para as crianças, ou a certos cuidados especiais com elas no rol dos costumes domésticos geralmente enfatizados, nem mesmo com sua alimentação” (ALGRANTI, 1997, p. 132 e 153).

Outro detalhe crucial foi que as famílias coloniais eram compostas por muitos filhos, assim a mãe não podia dedicar sua atenção a eles em especial. A família da casa grande era composta por vários parentes como tios, primos, avós e uma grande

³Cf. Costa, 1979, p. 158. Costa explica como o poder patriarcal foi importante para o latifúndio colonial, pois em um momento onde a sobrevivência, o sucesso financeiro e social dependia da permanência de hábitos e manobras realizados pelo patriarca, cujo poder era repassado para o herdeiro, a experiência e a memória eram valorizadas.

quantidade de escravos. Diante dessa quantidade de pessoas, era difícil os filhos receberem a atenção da mãe. Vale mencionar que durante esse período, o protagonista da família não era os filhos e sim o pai. Esposa, filhos e escravos se submetiam ao pai em todas as esferas de suas vidas.

Porem com o fim da família colonial, uma nova família foi construída em seu lugar: a família burguesa. Essa foi composta por pai, mãe e filhos. Essa nova configuração exigiu da mulher o papel de mãe. Antes ela foi a progenitora responsável por gerar filhos e não para criá-los. Agora ela precisou ser presente, amável e maternal, para garantir a obediência e respeito dos filhos para convertê-los em cidadãos do Estado. Essa mulher com uma família menos numerosa e sem a presença de tantos escravos domésticos supostamente teve mais tempo para os filhos. E contato com os mesmos foi estimulado, entre outras maneiras, através da amamentação. Diferentemente do que ocorria antes, pois os bebês senhoriais eram amamentados por escravas e amas de leite ⁴ (COSTA, 1979).

O aleitamento materno servia para alimentar o bebê burguês de maneira saudável e instigar o contato entre mães e filhos. A relação era estimulada através do sentido do tato como segurar o filho, acariciá-lo; através do paladar alimentando-o e da audição conversando com o bebê. Outro ponto a respeito da amamentação era o tempo estipulado para essa tarefa de 6 a 18 meses sugerindo não apenas uma proximidade, mas uma maior quantidade de tempo entre mãe e filhos.

Conforme Costa (1979) O discurso médico também alegou que a maternidade é um momento onde a mulher conseguia se sobressair ao homem, afinal apenas ela podia gerar filhos. Não importava para ela as conquistas nos campos científicos, políticos ou literários. Havia o homem para essas esferas. Para o sexo feminino tinha a casa, colocada como um reino particular onde ela reteria, e claro os filhos. Sem escravos para cuidar em tempo integral das crianças, bem como a diminuição de filhos por casal e uma casa funcional que permitia ter um pouco mais de tempo livre, ela podia se permitir algumas distrações, mas prioritariamente cuidar da prole.

Contudo a mulher colonial sempre cumpriu muitas tarefas, o que mudou é a maneira de enxergar essa situação. O trabalho doméstico não era reconhecido, assim

⁴A amamentação das crianças bem-nascidas do período colonial era feita por escravas da casa-grande ou então escravas alugadas para este fim. Uma das razões é que a maioria das mães coloniais era jovens demais para produzir o leite devido ao casamento em idade precoce. Também devia-se à boatos que ocorreram na Europa e que provavelmente circularam no Brasil, que as relações sexuais adulteravam o leite. Cf. Costa, 1979, pg.255

como a mulher era vista como a progenitora e os filhos, como meio de aumentar a herança da família. Contudo a partir de meados do século XIX, a mulher burguesa foi representada como a 'rainha do lar' e as crianças foram colocadas como futuro da nação. Sendo assim surgiu a necessidade do Estado fiscalizar como as famílias cuidavam da prole. A nova responsável para essa nova tarefa precisou de mais destaque social do que detinha a serva ou ama-de-leite, pois os jovens cidadãos mereciam passar o tempo com alguém minimamente instruído, próximo e que os visse como algo além da obrigação. Não significa que as mães de outrora não estimavam seus filhos, mas apenas que mudou a maneira de tratá-los.

A mãe de perfil burguês tornou-se mais presente e teve mais autonomia no tocante aos rebentos. O que lhe permitiu decidir aspectos como a roupa, escolas onde estudar, como ensinar lições. O contato físico será estimulado pela amamentação; mas outras formas serão reforçadas como a tarefa de dar banho, alimentar. Foi estimulada a ler pequenas histórias, vesti-los e ser mais carinhosa com eles. O pai não exerceu tanta autoridade sobre os filhos, pois o Estado deslocou grande parte de seu poder diante da família.

A maior autoridade da família burguesa era, a partir daquele momento, o Estado e o pai patriarcal deu lugar ao pai colonizado. Um pai que deixou de ser patrão de sua mulher e filhos para ser empregado da nação. Perdendo seu domínio sobre o lar, ele vai servir a sociedade e suas funções serão trabalhar para manter financeiramente o mesmo e instruir os filhos para ser dedicados à pátria. Também buscou o sustento de casa fora da mesma, mesmo possuindo propriedades, devido à prestação de contas perante uma nação organizada burocraticamente.

Com a família estatizada⁵ homens e mulheres tiveram papéis familiares e ocuparam lugares distintos. Outrora o homem também passava boa parte de seu dia na rua, mas não, mas não havia separação entre trabalho e lazer. Com o sexo oposto esse aspecto era semelhante, mas a junção entre afazeres e diversão ocorria em casa. Ela se ausentava apenas para algum compromisso religioso. Contudo com a nova configuração

⁵ Estatização das famílias: conjunto de práticas e métodos empreendidos pelo Estado e pelos médicos em meados do sec. XIX para converter a família latifundiária brasileira em aliada do Estado. Entre suas táticas compreenderam a divisão entre os familiares e criação de objetivos divergentes entre eles; mostra dos benefícios advindos do exercício de submissão; valorização da vida e evidências repetitivas que a sujeição tinha um ganho: a perpetuação da família e o prolongamento da saúde; seleção de aliados e fiscais entre os membros da família e sujeição dos mais fracos. Cf. Costa, 1979. p.31.

política do segundo império, homens e mulheres mudaram a forma de cumprir suas obrigações. Porém vamos nos ater ao gênero feminino, pois é o objeto de estudo deste trabalho.

A mulher foi coagida a ficar em casa para administrar o lar e cuidar dos filhos, pois o homem não possuía mais autoridade nem tempo para tanto. E apesar de conseguir o aval para sair de casa, deveria fazer com moderação. A sociedade foi o lugar para a mulher se entreter com certas restrições que não atingia seus parceiros. E casa servira de local para os afazeres. Além disso, com a maior industrialização do país, certas funções requeriam uma maior instrução que a mulher não possuía naquele momento, então mesmo que lhe fosse permitido, ela não conseguiria fazer certas atividades remuneradas exercidas pelo homem.

Se antes ela não tinha tempo para sair de casa, no período imperial, com um certo tempo disponível, foi necessário criar argumentos que a convencesse de que não desfrutasse com exagero essa nova liberdade. E a maternidade foi um deles. Não era de bom tom uma jovem mãe se ausentar de casa. Apenas com o marido, os filhos ou algum familiar. Se o trabalho fora de casa foi criticado, a ausência do lar por motivos considerados fúteis mais ainda.

Assim com as personalidades idealizadas e construídas os locais sociais foram demarcados e coube aos homens e às mulheres seguirem seus novos espaços. Convencidos por esse novo discurso e devido à quebra do poder patriarcal, ambos buscaram seguir essa nova configuração. Mas houve uma outra razão para isso, foram os ganhos que ambos receberam do poder médico: o primeiro perdeu a autoridade de quase todos seus bens, exceto a esposa e esta passou a controlar o lar e os filhos.

1.2 As Transformações dos anos 30 e a maternidade

O que foi ser mulher e mãe nos anos 30? A imagem construída para a mulher era de alguém meigo, paciente, criativo, caseiro e maternal. As mulheres instintivamente eram prendadas, ansiosas por se casarem e serem mães. E as mães tinham que ser carinhosas presentes e dedicadas em todos os aspectos de sua prole. Ela era (e deveria ser educada para ser) uma pessoa com todas as qualidades mencionadas. Caso a mulher fugisse desse estereótipo era criticada pela família e sociedade. Ou então era convencida

a mudar de comportamento, pois moças diferentes eram desprezadas por outras moças, parentes e dificilmente encontrariam um marido.

O discurso que naturalizou a maternidade foi muito eficiente. Nos anos 30 a jovem da classe média, inconscientemente ou não, e a maioria das famílias via o desejo de ser mãe como algo instintivamente feminino. Mas foi preciso reproduzir esse discurso, pois havia uma incipiente emancipação feminina no período. Na década anterior o Brasil vivenciou um período de maior liberdade feminina vindo do cinema norte-americano e da maior industrialização.

As mulheres passaram a trabalhar no espaço público em cargos como professora, secretária e datilógrafa. A possibilidade de sair de casa lhes indicou contatos com novas pessoas, além de familiares e amigos. Havia novos espaços de sociabilidade como o cinema, os clubes e as praias. O cinema mostrava jovens de roupas curtas, fumando cigarros e beijando rapazes publicamente. Os clubes e a praia reuniam uma quantidade de jovens de ambos os sexos o que permitia uma maior proximidade entre moças e rapazes.

A pretensa modernidade do período criticava vários costumes do período colonial como a grande camada de roupas, os penteados complexos, a clausura e a falta de instrução feminina. Assim às mulheres foi incentivado o contato com livros e com pessoas além das de sua moradia, porém aspectos do momento anterior foram reforçados. O casamento ainda foi o maior objetivo de toda mulher e meio de ascender financeira e socialmente. A maternidade continuou sendo o modo de ganhar respeito de toda a sociedade.

As mães precisavam ser prenyadas saber costurar, cozinhar, faxinar uma casa. As mulheres deveriam cumprir essas tarefas de bom grado e ajuda do cônjuge não deveria ser requisitada ou sequer pensada pelas suas esposas. Outras habilidades eram apreciadas como talento para o piano e o canto. As jovens contaram com o auxílio de suas mães, que já haviam aprendido com suas genitoras. Caso elas não pudessem contar com suas progenitoras ou outras parentas, houve as revistas de variedades destinadas a instruir suas leitoras. E a revista *Jornal das Moças* foi uma delas.

1.3 *Jornal das Moças/Jornal das mães*

A revista *Jornal das Moças* foi um periódico que circulou durante 50 anos (1914-1965) semanalmente às quintas-feiras, publicado no Rio de Janeiro e distribuído em todo o Brasil. A respeito da impressão da revista *Jornal das Moças*, Nukácia Almeida (2008) que utilizou o periódico como fonte em sua tese de doutorado elenca:

A impressão do JM era feita em papel jornal, a exceção de 2 e 4 páginas em papel ilustração branco (brilhante), cuja gramatura era mais elevada que a do papel jornal. As páginas impressas em papel ilustração figuravam normalmente no meio da revista e que traziam fotos da sociedade carioca nos mais diferentes eventos ou situações. [...] O periódico apresentava-se em tamanho 19×25 cm e sua extensão ficava entre 60 e 70 páginas. Sua capa trazia invariavelmente o desenho colorido de uma ou de algumas mulheres cujos modelos de roupa poderiam ser copiados pelas leitoras (ALMEIDA, 2008, p. 127).

Durante o período estudado (década de 30) nesse trabalho de conclusão de curso, as capas também estampavam atrizes de Hollywood e vencedoras de concursos de colaboradora⁶:

Figura 1- Capa da revista *Jornal das Moças*, nº 810, 1930.



Fonte: Acervo Revista *Jornal das Moças*

As capas ao longo da década analisadas também mostraram figurinos de vestidos para serem copiados pelas leitoras, pois os moldes dos trajés em tamanho menor no

⁶Capa com “Cinderella” pseudônimo de Lola Kneip coroada rainha das colaboradoras da revista *jornal das Moças*, nº 810, 1930.

canto da página da capa confirmam essa afirmação, além de modelos de fantasias para o carnaval. As capas apresentavam desenhos de jovens seguras e elegantes vestindo roupas de gala. A partir de agosto de 1930 surge a revista *Jornal da Mulher*, um suplemento do *Jornal das Moças* com o custo 1\$000 (mil réis), onde mostrava modelos de figurinos, bordados e conselhos caseiros.

Além de figurinos e fotografias de eventos sociais cariocas, *Jornal das Moças* apresentava a seção *Caixa* situado normalmente no final da revista, onde leitores e leitoras assinando seus nomes ou utilizando pseudônimos, eram informados se seus escritos, como os contos seriam publicados no periódico ou foram rejeitados pelo assinante da coluna *Chico Tiririca*. Continha dicas domésticas, receitas de doces e piadas. Havia partituras de música, onde mostrava valsas, foxtrotes e ritmos característicos do momento para serem interpretadas pelas leitoras. Uma das características que evidencia o público leitor, pois apenas a jovem de classe média alta poderia possuir um piano ou saber tocar o instrumento.

A revista durante o período estudado não possuía um índice com matérias fixas e em locais específicos, nos primeiros anos da década a página continha contos cortados por propagandas ou pequenas crônicas insinuando que a leitora pudesse percorrer toda página da revista sem se apressar em determinado assunto. Essa diagramação sugere uma leitura mais lenta e cuidadosa refletindo um maior tempo necessário para desvendar o periódico. Diferente das publicações atuais onde existe um índice e seções específicas, indicando assim que seus leitores busquem determinados assuntos que lhe interessem sem necessitar de uma leitura detalhada. Exemplo de uma página da revista:

A Revista não se atinha a acontecimentos do cotidiano sociopolítico brasileiro. Em todo o período analisado, encontramos apenas quatro alusões a fatos políticos da época.” [...] O que confirma “a própria caracterização das revistas femininas, que por sua constituição, não publicavam assuntos “graves” (ALMEIDA, 2008, p.124 e125) .

As publicações têm como referência os anúncios de filmes norte-americanos, bem como propagandas de beleza que utilizaram atrizes ianques para protagoniza-las. Assim como os conselhos de higiene que preservavam a tradição higienista organizada e aplicada no século anterior no Brasil e as fotos escassas de eventos pátrios, cerimônias com a presença de políticos consonante ao governo Vargas que exerceu influência sobre a imprensa do período⁷.

Um dos objetivos primordiais da revista foi auxiliar as jovens a casarem-se. A mulher reconhecida por esse estado civil era conveniente à imprensa feminina do período. O matrimônio estava presente, direta ou indiretamente, em todas as seções da revista: de propagandas de cosméticos, moldes de roupas, histórias e até receitas de bolos e doces. E a maternidade foi um dos aspectos importantes do casamento e como tal não foi negligenciado.

Na revista, a maternidade ganhou matérias específicas. Uma das seções da revista dedicada à maternidade foi “Cantinho das Crianças” criada em 1933. A matéria ocupava uma página e trazia figuras de animais, de paisagens e de outras crianças. Contava histórias engraçadas, mas de cunho moralista, visando ensinar alguma lição para as crianças através do entretenimento. Trazia passatempos, como pintar figuras e completar desenhos. A linguagem era diferente da seção evangelho, mais terna visando seu público alvo.

A seção “Evangelho das Mães” apareceu na revista a partir de 1933. Era uma matéria de uma página, onde geralmente aparecia o desenho de uma jovem mãe com seu filhinho no colo dentro de um halo resplandecente. O próprio título é emblemático, pois associa esse estado da mulher a algo sagrado, religioso. E associa também a uma cartilha, algo que serve de guia e orientação. Pois o evangelho também procura instruir os fiéis através de seu conteúdo.

⁷ Ver Jornal das Moças nº. 791, 1930, p. 22 e Jornal das Moças nº 863, 1931, p.38.

Figura 3 Imagem da seção Evangelho das Mães, nº 968, p. 36



Fonte: Acervo Revista Jornal das Moças

O tom da seção era de aconselhamento, como se a própria revista também fosse uma mãe que aconselhava suas filhas, no caso as leitoras. O periódico visava instruir de uma forma que as leitoras não se sentissem ofendidas ou irritadas. Mostrando os benefícios de adotar essa ou aquela postura no tocante aos filhos. A revista eficazmente convencia as mulheres que era vantajoso seguir seus conselhos. Houve ainda analogias presentes em contos ou propagandas contando como certos comportamentos foram adequados ou não para as mães da época fora da seção Evangelho das Mães.

Os temas do evangelho das mães eram variados, pois continham questões de natureza prática, como por exemplo, o intervalo de alimentar as crianças; ou de cunho psicológico, como na sugestão de fazer aniversários; ou moralista, quando sugere brincadeiras e brinquedos que deveriam fazer as crianças se exercitarem para não ficarem preguiçosas. Em alguns momentos a maternidade é vista como um seguro contra um futuro triste e solitário, pois filhos indicam uma velhice feliz rodeada de netos.

A maternidade na seção “Evangelho das Mães” além de algo sagrado é também vista como um destino, um desígnio de Deus. A mulher iguala-se à Maria quando gera uma criança. Insegurança, medos e dúvidas das mulheres no tocante ao parto e filhos não são mencionadas na matéria. Como se elas instintivamente estivessem prontas para essa etapa. A abordagem dessa suposta naturalidade da mulher para a maternidade também possui um cunho biológico. Pois a mulher tem seu corpo preparado para gerar uma criança, assim como todas as fêmeas. Se os animais, seres irracionais não

renunciam a esse fardo, a mulher não deveria fazer tal coisa. Seria ir contra a natureza, assim logicamente todas as mulheres deveriam ter filhos. Preferencialmente jovem como sugere as imagens de jovens mães na revista.

Outra questão para essa pretensa naturalidade seria a ausência quase total da figura masculina na seção Evangelho das mães. Como se a função de educar, cuidar e instruir fosse apenas da mulher. O que é tanto curioso, pois para existir uma mãe é preciso um filho, mas também um pai. Quando ele aparece atua como um coadjuvante inserido no âmbito social, raramente associado a tarefas de cuidado com os filhos como asseio ou instrução.

Na Revista *Jornal das Moças* atesta para a maternidade como algo maravilhoso e perfeito, sendo toda mulher uma boa mãe. Os possíveis problemas no tocante a criação dos filhos como a rebeldia dos mesmos ou divergências entre o marido em relação ao modo de criação da prole são ignorados. Exemplo de um conto onde o eu-lírico descreve características de uma criança, possivelmente sua filha como sugere certas palavras:

Tu és pequenina e nada compreendes ainda da vida... Tudo, nos teus olhos risonhos e ingênuos, se assemelham à beleza sem mácula dos contos belos, cheios de fadas louras e gênios feiticeiros, que papá te narra à noite, a tua cabecinha de cachos rebeldes apoiada ao seu ombro, na felicidade sem par dos que se amam muito... [...] Bom-bom bem delicioso de carne na vida da gente! Pedacinho de amor que ainda não é nada no mundo e, no entanto, é tudo no meu coração! Bonequinha mais bela que Deus nos deu para a alegria da nossa casa e do meu coração... (Nenê, *JORNAL DAS MOÇAS*, N.º. 785, 1930 p. 28).

Nesse conto a criança é colocada como perfeita, sem mácula, enchendo de alegria o coração da mãe. O conto também sugere que os três personagens vivem em plena harmonia na alusão ao pai que lê histórias para a menina e na menção da “felicidade sem par dos que se amam muito...” Modelos de mães consideradas ruins não aparecem na revista, exceto como advertência para evitar esse tipo de comportamento. Embora sabe-se que elas existiram, seja em mães que não tivessem habilidades para cuidar das crianças ou que decidissem engravidar para forçar um casamento. O oposto também é válido, pois existiram homens que por algum motivo precisaram cuidar dos filhos e administrar uma casa e saíram-se bem. Sem contar as mulheres que por qualquer razão se recusaram a engravidar.

Não eram mulheres que mereciam aparecer em uma revista de circulação nacional dirigida as jovens da classe média. As de classe econômica menos favorecida e nem seus possíveis problemas na criação da prole não foram pautas mencionadas. As mães solteiras também foram ignoradas, mas elas devem ter existido nas famílias abastadas— situação que deveria ser disfarçada pelos pais constrangidos, e nas com menos condições financeiras.

As mulheres também aparecem sempre dentro de casa e as mães que trabalham fora são ignoradas. Uma matéria Evangelho das Mães:

[...] Estar contente! Não se precisa ter fortuna; basta ter coração e um pouco de entusiasmo. Basta encontrar alegria e distrações nas pequenas cousas. As mães, neste sentido, podem muito, já que diretamente depende delas a tranquilidade do lar simples ou luxuoso, fazendo com que seja ele o sítio mais amado para marido e filhos. [...] O lar, onde a mulher que é mãe sabe sorrir aos filhos, através de suas lágrimas, é simplesmente encantador. Quanto vale um sorriso de mulher! As mães tem obrigação de proporcionar alegria aos filhos; a felicidade encontrada logo no humbral da vida dá forças até o final da existência. [...] De todos os santuários, o mais antigo, o maior o mais venerado, o único, enfim, é o lar em que vivemos. Mas é mister que não falte a santa desse santuário... a mulher esposa, a mulher que é mãe! (JORNAL DAS MOÇAS, Nº. 997, 1934, p. 9).

Nessa matéria da seção “Evangelho das Mães”, as mães são representadas como responsáveis pela harmonia do lar sendo marido e filhos os destinatários dessa alegria, mas não convocados a contribuir para a felicidade familiar. O lar é abordado como um santuário feminino onde ela rege sagrada, santa, embora sem rei, no caso o marido. A mulher não pode faltar no lar, ou melhor, a mãe. O lar é o único lugar apropriado para a mulher-mãe desconsiderando as genitoras que trabalham fora. A rua não é um santuário para o sexo feminino.

Nos anos 1930, mulheres da classe média raramente exerciam alguma atividade remunerada. Se o fizessem era em momentos esporádicos devido às condições financeiras da família. As mães abastadas eram incentivadas a ficar em suas residências em qualquer circunstância e caso a família passasse por alguma dificuldade cabia à esposa economizar no orçamento doméstico e disfarçar essa condição perante seu círculo social.

Essa matéria da seção Evangelho das Mães incentiva as leitoras fazer festa de aniversários para os pequenos. Alega que as experiências infantis influenciam características comportamentais da vida adulta e que as festividades criam boas lembranças em relação à família. Em especial os rebentos que percebem sua própria

importância e se sentem amados e seguros para atravessar essa fase sem problemas emocionais.

[...] Jamais se dirá bastante das festas de família, ellas constituem os bons dias da vida; significam grande importância para as crianças, principalmente quando o aniversário delas chega e, por isso, se sentem mais nesse dia rodeadas de brinquedo, de amigos, de altas personalidades que se curvam para felicita-las. Nesse dia a criança adquire importância, diante de si mesma, e isso é de muito proveito para seu espirito. [...] Se no seu lar, há o hábito de celebração de datas, os filhos como um cumprimento do sagrado dever virão a esse lar atravessando todas as distancias e sendo assim e, sendo assim, os paes estarão garantidos contra a soledade e o esquecimento (JORNAL DAS MOÇAS, Nº 968, 1934, p.36)

Afirma também que a personalidade da criança é moldada em tais ocasiões e é benéfico para pais e filhos tais festividades, pois os filhos constroem seu caráter diante de um ambiente saudável e os geradores desfrutam da gratidão de alegrar seus filhos e de saber que podem contar com a sua presença um ambiente animado por toda sua vida.

A ênfase colocada na infância foi difundida também pelos higienistas que acreditavam que ela era peça chave dentro da família para normalizar os outros membros. Ela foi colocada como futuro da nação e necessitava de cuidados físicos, psicológicos e emocionais para crescer saudável e ser de valia para o Estado. Uma pessoa que cresce sem o carinho e a instrução dos pais possui maiores chances de ser alguém problemático e trazer transtorno para os familiares e a nação. Além de razões sociais, havia a questão econômica porque filhos com desvios comportamentais ou deficiências mentais representam gastos extras para o governo.

O discurso da revista consonante com as ideias que vigoravam naquele momento reproduzia tais pensamentos porem com uma linguagem moderna, interessante para as leitoras do periódico. Sendo uma revista dirigida para a jovem de classe media não havia interesse de mudar como as leitoras pensavam, era uma publicação de seu tempo que reproduzia os pensamentos dos anos 1930. Então ser uma leitora moderna dos anos 1930 era preparar-se para o casamento e depois ser mãe. Eram antigas ideias com novas roupagens.

Concluindo esse capítulo nota-se que apesar do jornal das moças enfatizarem a naturalidade da maternidade para a mulher, essa condição não surgiu naturalmente e não existiu desde que casais passaram a se reproduzir. A maternidade foi construída pelo discurso medico e pelo Estado para ambos conseguirem o controle e o prestígio que o período colonial não possibilitou. Utilizando táticas de manipulação semelhantes que os

jesuítas adotaram para cristianizar os nativos brasileiros, o Estado e os higienistas elevaram o prestígio da mulher elitista e a cooptaram em prol de sua causa de educar os rebentos estatizados. Sendo uma mãe dedicada e zelosa a respeito da saúde e mentalidade da prole, ela preparava os filhos para obedecerem um novo padrão, o Estado.

A maternidade presente na revista *Jornal das Moças* era colocada como algo natural e almejado pelas mulheres daquele período. Caso as futuras mães sentiam-se desejosas de ter filhos, mas não soubessem como se comportar na rotina, as matérias da revista com conselhos práticos as ajudariam nas tarefas como ensinar a dar banho no bebê. Assim mesmo as jovens consideradas sem vocação para maternidade poderiam ser mães e desse modo não havia justificativas para elas se recusarem a engravidar. Mas o periódico não mostrava os vários tipos de mães que existiam. Nem seus anseios e dúvidas. A mãe idealizada pelo periódico e almejada pelas leitoras era jovem, abastada, branca, dona de casa e carinhosa.

As pretensões ou idealizações da revista foram além da naturalidade do instinto maternal, pois a conduta e a aparência femininas foram evidenciadas e exaltadas. Mas não qualquer comportamento e aspecto, mas características específicas que qualificavam, conforme o periódico, uma jovem do período. Elas poderiam garantir seu sucesso social e afetivo dependendo do fato da leitora possuir ou adotar certos atributos. Essas qualidades externas e internas e bem como sua construção e apresentação na revista serão o tema do segundo capítulo.

2 - A CONSTRUÇÃO DA MULHER E DO CORPO FEMININO NA REVISTA JORNAL DAS MOÇAS

Orgulhe-se de seus cabelos! Cuidar do cabelo é dever de toda mulher que sabe sua missão principal— ser encantadora [...]. (Anúncio Óleo Royal Briar, JORNAL DAS MOÇAS, N.º. 1020 1935 p.23)

Uma pelle branca, delicada e fina, debaixo da qual como se vê, circula a vida, deve ser o ideal de toda a mulher [...]. (Anúncio creme Pollah, JORNAL DAS MOÇAS, Ed.1021, 1935, p.4)

Os dois anúncios acima se utilizam da aparência feminina para vender seus produtos. A primeira delas alega que é dever da mulher cuidar das madeixas e afirma que a missão dela é ser encantadora, na outra a beleza e as seus atributos mencionados são colocados como ideais. A beleza nesse momento deixou de ser um dom, um acréscimo às mulheres para ser uma norma. E como tal ela é específica e também excludente, pois se há um padrão é, dentre outros motivos, devido à existência do considerado inadequado. É sobre a construção dessa norma de comportamento e de aparência feminina que esse capítulo discute.

Esse capítulo tem por objetivo problematizar as prescrições higienistas sobre o corpo feminino contidas nas propagandas e dicas de beleza na revista *Jornal das Moças*, refletindo a diferenciação de gênero. Para tanto será utilizado o conceito de gênero de Joan Scott (1989) e o conceito de norma de Costa (1979) para problematizar as prescrições para as mulheres através das propagandas e dicas de beleza presentes na revista.

2.1 A construção da mulher e do corpo feminino

Partindo da ideia do gênero como uma construção, Scott(1989) elabora a seguinte definição: “[...] gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseados nas diferenças entre os sexos e é uma forma primeira de significar as relações de poder”

(SCOTT, 1989, p.21) ⁸. Para Scott (1989) é preciso reconhecer que há diferenças entre homens e mulheres, mas é preciso enxergá-las como uma construção que ocorreu em um determinado momento e em determinado lugar. E desse modo retirar o caráter naturalizado dessas diferenças e mostrar a hierarquia e dualidade construída e baseada na divisão entre masculino e feminino em amplos segmentos da sociedade (SCOTT, 1989). Segundo o autor, seria útil aprofundar essa questão e transformar homens e mulheres em perguntas e não respostas preconcebidas.

Esse estudo de Scott (1989) procura colocar o corpo e o sexo como elementos não apenas biológicos, mas sociais e que foram controlados, prescritos, transformados por e para a sociedade com objetivos determinados. Suas ideias dialogam com este trabalho que procura também colocar a mulher e seu corpo enquanto uma construção.

2.2 A diferenciação do gênero feminino e masculino na revista Jornal das Moças

Na revista *Jornal das Moças* através das propagandas publicadas na mesma, a mulher é apresentada como alguém jovem, ou adolescente, de tez clara e traços marcadamente caucasianos. Considerando que boa parte da população brasileira é negra e mestiça, as imagens presentes na J.M. não refletiam o padrão de grande parte das brasileiras. A propaganda do creme Pollah ilustra esse padrão de beleza

Figura 4 - *Jornal das Moças*, N°942, 1933, p.4.

Nas agradáveis horas de triumpho



Que justo orgulho sente a mulher percebendo que causa inveja às outras a sua cutis unida e suave.

O CREME POLLAH tornará invejado o vosso rosto, fazendo desaparecer as manchas, sardas, cravos, espinhas, dilatação dos póros e todas as imperfeições da cutis.

Remetteremos gratuitamente a quem nos enviar o endereço, o livro *A ARTE DE BELLEZÁ*; nelle se encontram todos os conselhos para a hygiene e embelezamento da cutis e cabellos.

Corte hoje mesmo este "coupon" e remetta aos Srs. representantes da American Beauty Academy - Rua da Alfandega, 105 1.º andar - Rio.

Fonte: Acervo Revista *Jornal das Moças*

Mesmo afirmando que o embelezamento proporcionado pelo creme é o desaparecimento de manchas, espinhas e sardas, a imagem da propaganda é de uma mulher loira de cabelos ondulados e traços europeus como o nariz aquilino. Outro indicio dessa exclusão de traços característicos do país é a propaganda para alisar cabelos incluindo as pessoas “de cor”:

Figura 5 Jornal das Moças, Nº 785, 1930, p. 4.



Fonte: Acervo Revista Jornal das Moças

Esse padrão sugere que além do aspecto caucasiano ser o ideal, as morenas e negras para serem consideradas bonitas deveriam se parecer com as modelos mostradas. E para tanto, o alisamento do cabelo era fundamental, por ser o mais propício para elas adotarem, pois aspectos da tez ou fisionomia eram mais difíceis de modificar. Além dessa aparência europeia, a mulher prescrita no periódico e, sugerida para as leitoras deveria estar arrumada, mas com uma aparência natural, de quem não se esforçou muito para se arrumar.

Mesmo com os avanços científicos da indústria da beleza naquele momento com a criação de batons, sombras e rímeis, a beleza considerada natural continuava valorizada. A mulher com a maquiagem carregada passava uma imagem de mundana e de prostituta. Na propaganda do batom “Tanger” esses valores estão explícitos:

Figura 6 Jornal das Moças, Nº 968, p.4



AGRADAVEL — porém —
"ELLES" duvidavam
(ANTES)

**UMA TROCA ADEQUADA
DEU A SUA BELLEZA UM
ASPECTO MAIS NATURAL**

Quanto era desagradavel aos
homens, via-a com os labios
"pintados"! Ella, ao perceber
isto, experimentou TANGEE.

Surprehendente! Os labios,
sem ficar com a apparencia de
"pintados", adquirem natural e
encantador aspecto de saude.

TANGEE, ao ser applicado,
varia de cor, tornando-se do
matiz que mais harmonisa com
o seu rosto.

A'ém disso, protege e suavi-
za. E' permanente e economi-
co. Dura muitissimo.

Experimente tam-
bem o ROUGE
NATURAL

O Rouge TAN-
GEE não se deixa
transparecer sobre
a tez, porém, real-
ca maravilhosamente a sua for-
mosura.

TANGEE
"EL LAPIZ DE MAS FAMA"

Fonte: Acervo Revista Jornal das Moças

Além de jovem, branca e maquiada com suavidade, a mulher apresentada no periódico possuía delicadeza e fragilidade. Seus gestos eram comedidos e sua postura remetia a delicadeza. Possuía a saúde frágil e essa situação foi atribuída devido ao seu sexo, principalmente doenças de cunho psicológico como a depressão, o nervosismo e a histeria. Como se pelo fato de ser mulher, ela estaria biologicamente predisposta a possuir essas enfermidades. Em alguns casos até mesmo problemas conjugais foram atribuídos à natureza enfermeira do gênero feminino, pois seu nervosismo ou

indisposição deveria ser sua culpa e não possíveis falhas do marido no tocante ao relacionamento ou problemas familiares ou financeiros.

Nas propagandas do remédio para combater cólica menstrual chamado “A Saúde da Mulher” essa pretensa postura feminina é evidenciada:

Figura 7 Jornal das Moças, Nº 942, 1933, p.9.

JORNAL DAS MOÇAS
COISAS DA VIDA...
EPISODIO 9. 6-7-1933

Ella - Homem sem coração! Chega em casa sem me dar a menor atenção e vai logo matar e matar nos jornais a ver si encontra photographias de virgatas de MAILLOT! Monstro!

Ella - Não me interrompa! Protetor Conquistador de maio-tijela! Já sei que você diz que estava lendo as colheções dos generos... Bahata! Já ouviu?! Bô-tô-tost!!!

Ella - Mas...

Ella - Cale-se!

Ella - Maldita a hora em que me casei! Meu Deus, como sou infeliz!

Ella - Mas nem um santo aguentaria isto! Que inferno! Todo dia uma scena! Decididamente, a rua é o unico lugar onde posso estar sozinha!

O amigo experiente - Meu caro, si o amor tanto procura correr a mal pela raiz, vá-se para o rumo a vida accensa, não adianta.

Ella - Mas, que fazer?

O amigo - A causa da irritabilidade da tua senhora deve estar no não funcionamento do útero ou dos ovarios. Por que não a fazes tratar-se?

Ella - ?!

O amigo - A SAUDE DA MULHER fará o milagre e o grande remédio para os incommodos das senhoras. Compra um vidro hoje mesmo, levadas com elle a felicidade de regresso ao teu lar.

Ella - Santas palavras! Vou andando á primeira pharmacia!

PHARLOUR

1 ANNO DEPOIS

Ella - Lembra-te, querido! Foi hoje um anno que brigamos pela ultima vez...

Ella - Mázinha! Para que recordar?

Ella - Para abençoarmos o SAUDE DA MULHER, que me restituiu ao teu amor!...

A SAUDE DA MULHER
O GRANDE REMEDIO DAS DOENÇAS DE SENHORAS

Fonte: Acervo Revista Jornal das Moças

Conforme a propaganda a causa da irritabilidade e ciúme da esposa estão no mau funcionamento do útero, desse modo bastaria tomar o remédio e ela voltaria ao bom humor e reconquistaria o afeto do esposo. Insinua assim que seu temperamento é diretamente influenciado pelos órgãos genitais. Em outra propaganda devido aos inchaços da TPM, Lili deixa de sair com seu noivo Jorge, o que deixa temerosa de que vá terminar o romance:

Figura 8 Jornal das Moças, Nº 968, 1934, p. 5.

JORNAL DAS MOÇAS 41

COISAS DA VIDA ...

EPISODIO 4

NO DIA SEGUINTE

- Mas que maldade, Lili! Será possível que você recusa sempre meus convites para o banho?
- Não insistas, Jorge; nem penses mal de mim - mas hoje é impossível.

Não atino com a recusa systemática da pequena. Não põe maiô nem por decreto... Será que ella tem alguma cicatriz ou... Qual! A mano Sinhá é quem vai me decifrar esse enigma.

- Querida Sinhá! Que milagre é esse?! Tô cada aqui por casa, hoje?
- Lili! Vim buscar você para o banho de mar! Vamos!!

- Não avalias como soffro, tendo de recusar todos os convites. Mas com este ventre enorme de oleijada nunca poderei dispensar o cinto, nem vestir roupa de banho, vê? Eu sou muito infeliz!

UM MEZ DEPOIS

- Não se affija, Lili. O ventre distendido assim é consequencia dos seus incommodos de mulher, ou mau funcionamento dos ovarios. E para isso ha um remedio unico, insubstituivel - A SAUDE DA MULHER!

Lili, meu bem! Ora, afinal! Parece um sonho! E como estás linda!..

OUTRO MEZ DEPOIS

... E não esqueça que os nomes a gravar nessas alianças são Lili e Jorge!

A SAUDE DA MULHER

O GRANDE REMEDIO DAS DOENÇAS DE SENHORAS

Fonte: Acervo Revista Jornal das Moças

Depois da moça tomar o remédio “saúde da mulher”, o inchaço típico do período desaparece e termina o quadrinho com as alianças de noivado dos personagens. Evidencia, portanto, como era importante o aparelho reprodutor feminino funcionar bem para manter ou conquistar um relacionamento. Outro ponto válido de ser observado é que as duas garotas da propaganda possuíam um parceiro e que os problemas físicos femininos não afetavam apenas a elas, mas aos seus cônjuges. Sugerindo que se seus problemas não afetassem os companheiros elas não precisariam combatê-los.

Outra questão que se deve observar é que sempre outra pessoa que sugere a mulher o uso do remédio como se a ela não pudesse por sua própria iniciativa procurar um tratamento para tratar o que lhe afligia. Na primeira propaganda é um homem amigo

do marido do quadrinho, que parecendo um medico especialista, faz uma espécie de diagnostico sobre o comportamento feminino associando seu temperamento nervoso ao mau funcionamento do útero.

Crença que surgiu em meados do século XIX que os pensamentos femininos eram influenciados pelo seu sistema reprodutor, mas que em plenos anos 1930 continuava vigorando. Outro vestígio dessa ideia é a atuação do homem como um profissional da saúde reforçando a ideia de um médico que está presente na vida familiar, mas precisamente na vida feminina. Para aconselhá-la e transmitir os valores médicos e incentivar a medicalização dos costumes.

No outro quadrinho também intitulado “coisas da vida” sugerindo que os sofrimentos femininos eram cotidianos, comuns; quem soluciona o problema da jovem Lili é uma mulher mais velha que também alega que o inchaço é consequência do mau funcionamento dos ovários. Mesmo considerando que é uma propaganda destinada a combater cólicas, é preciso ponderar que o inchaço feminino poderia indicar outros problemas de saúde. Boa parte das propagandas de remédios encontradas na revista jornal das moças coloca as mulheres como vítimas dos problemas do sistema reprodutor, insinuando que era um problema que afetava varias mulheres naquele período e que a saúde desse sistema era fundamental porque além de interferir na maternidade, finalidade da mulher, afetava sua vida afetiva e social.

Outra propaganda sobre remédios destinados a combater os problemas femininos é o Uterosano. Como a imagem abaixo ilustra, esse remédio serve para combater os males do útero. Contudo vários problemas de saúde são atribuídos ao mau funcionamento do mesmo, como dores de cabeça, desmaios e até falta de apetite. A menção de evitar o aborto é valida ser discutida, pois demonstra que a gestação era um tema importante para as leitoras e para período. O slogan da campanha uterosano também é emblemático: “É a vida da mulher; dá-lhe saúde, alegria e vigor”.

Sua vida estava ligada ao funcionamento do útero e então era preciso que ele funcionasse corretamente para que sua vida tenha alegria e vigor. Desse modo o anuncio negligencia outros aspectos que influenciam a saúde da mulher, como seus hábitos alimentares ou problemas envolvendo outros sistemas do corpo. Sugere que as mulheres do periódico sofriam apenas de males ligados ao sistema reprodutor:

Figura 91 Jornal das Moças, Nº 788, p.4.

Uterosano
TORNA SÃO O UTERO DOENTE
MARAVILHOSO E INCOMPARAVEL NOS SEGUINTE CASOS.

- 1.º — Inflammiação do Utero;
- 2.º — Catarrho do Utero;
- 3.º — Corrimentos do Utero;
- 4.º — Colicas do Utero;
- 5.º — Hemorrhagias do Utero;
- 6.º — Dysmenorrhéa (regras dolorosas, anormaes);
- 7.º — Amenorrhéa (falta de regna);
- 8.º — Leucorrhéa (flores brancas);
- 9.º — Perturbações da Puberdade;
- 10.º — Favorece os phenomenos da Gravidez;
- 11.º — Combate os enjões e vomitos da Gravidez;
- 12.º — Evita os Abortos e outras Perturbações;
- 13.º — Facilita o Parto;
- 14.º — Acalma as Dores de Cabeça, Vertigens, etc.
- 15.º — Restabelece o appetite;
- 16.º — Tonifica o Utero

É A VIDA DA MULHER: DÁ-LHE SAÚDE, ALEGRIA E VIGOR.
MEDICAMENTO DA EDADE CRÍTICA
NAS PHARMACIAS E DROGARIAS

Fonte: Acervo Revista Jornal das Moças

No tocante às propagandas onde os homens aparecem eles eram representados como forte, viril e jovem, mesmo em produtos destinados as mulheres. Os magros e velhos apareciam para se contrapor a saúde e juventude. Em geral eles eram racionais, como o personagem masculino da propaganda da saúde da mulher, sabiam como curar suas enfermidades sem auxilio de alguma figura feminina. Em alguns casos até a propaganda feminina foi dirigida a eles. O slogan do desodorante Magic é um exemplo:

“Aconselhem aos maridos...lembrar suas esposas o uso de magic nos sovacos de efeito contra o suor, seccando e desaparecendo ao mesmo tempo o mau cheiro natural. Seu uso é economia dos vestidos.” Essa fala demonstra que os homens sustentavam a família financeiramente, sendo assim supõe-se que eles eram responsáveis pelas compras, então poderia ele mesmo adquirir artigos femininos. A questão econômica é reforçada no final do anuncio quando justifica para a compra de magic não apenas o bom aroma feminino, mas que roupas sem manchas representavam economia.

Nas propagandas que os homens aparecem são de remédios para tosse ou frieiras, ainda xaropes que prometiam acabar com o reumatismo:

Figura 10 e Figura 11: Jornal das Moças N° 864, 1932, p. 4 e N° 968, 1934, p.4, respectivamente.



Fonte: Acervo Revista Jornal das Moças

Nas duas propagandas o homem é, à exceção do “bandido”, colocado como jovem e forte. No primeiro desenho, o homem está com mãos e pés enfaixados, mas o modo com está sentado denota força e vigor; outra mostra de força é que mesmo estando impossibilitado de usar essas partes de seu corpo, encontra-se sozinho. Como se não precisasse do auxilio de outra pessoa. No desenho seguinte aparece um bandido fazendo alusão à tosse cuja imagem é um homem de aspecto franzino, enquanto o

policial que é uma alusão ao remédio é alguém forte, heroico que combate o mal. Doença e cura são aludidas à figura masculina, como se apenas o homem sofresse esse tipo de problema. E também fosse responsável pela sua cura, sem precisar de conselhos ou de algum outro personagem para auxiliá-lo de algum modo.

Nota-se também que os males físicos que afetam os homens como tosse, artrite e reumatismo são relativos à força física. Não associam os homens as doenças consideradas nervosas, como depressão ou irritabilidade. Outro indicativo da construção médico higienista é o fato deles serem apresentados como sujeitos naturalmente racionais e ativos desconsiderando que deviam existir homens sentimentais e até inseguros e sem a pretensa força física.

Além dessa polaridade entre homens e mulheres contidas de maneira explícita ou sutil nas propagandas, elas também queriam passar valores como a modernidade e lógica. Mesmo alegando que as mulheres eram meigas e delicadas elas deveriam utilizar a razão para adquirir os produtos. E essa razão era baseada em argumentos de cunho científico para convencer as mulheres a adquiri-los.

Porém esse pensamento lógico em comprar algum artigo para combater seus males, foi baseado em suas necessidades. E essas necessidades foram consequências de um padrão estabelecido para as mulheres. Pois para tornar-se a mulher da nação ela deveria pensar de forma contrária à autossuficiência da mulher colonial no tocante ao consumo, pois esta produzia alguns de seus artigos de higiene e ingeria remédios caseiros (Costa, 1979)⁹. Desse modo para convergir seus pensamentos à nova configuração dominante criou mecanismos que atuavam no inconsciente de mulheres para dar a impressão que sua compra de produtos e valores advinha de suas precisões. E a revista *Jornal das Moças* através de seus conselhos e propagandas serviu de veículo para difundir a norma feminina pretendida para o período.

⁹ Cf. Costa, 1979. O autor discute sobre a autossuficiência doméstica do lar colonial, quando ele tinha caráter de uma empresa, devido a boa parte dos utensílios domésticos e objetos pessoais serem fabricados na própria residência.

2.3 O padrão feminino presente na revista *Jornal das Moças*

Além de informar quais as características compatíveis com homens e mulheres e quais doenças estavam predispostos a contrair, a literatura e as propagandas daquele momento regulavam os modos das mulheres se arrumarem e se portarem perante a sociedade. Retomando Costa (1979) que utilizou a distinção adotada por Foucault para diferenciar ordem e norma em sua obra *Ordem Médica e Norma Familiar*¹⁰:

A ordem da lei impõe-se por meio de um poder essencialmente punitivo, coercitivo, que age excluindo, impondo barreiras. [...] A norma, pelo contrário, tem seus fundamentos históricos -políticos nos Estados modernos dos séculos XVIII e XIX, e sua compreensão teórica explicitada pela noção de dispositivo.

A norma, embora possa incluir em sua tática o momento repressivo, visa prioritariamente a prevenir o virtual, produzindo fatos novos. A regulação é o mecanismo de controle que estimula, incentiva, diversifica, extrai, majora ou exalta comportamentos e sentimentos até então inexistentes ou imperceptíveis (COSTA, 1979, p.50).

No trecho acima o autor conceitua e exemplifica o que significa norma diferenciando-a da ordem. Para esse trabalho o conceito de norma é útil para reconhecer as prescrições higienistas que foram construídas e aplicadas no Brasil no século XIX, mas continuavam vigorando em periódicos e anúncios no século XX, período de circulação da revista estudada. A revista *Jornal das Moças* continha um discurso consonante com os ideais do período. Essa afirmação é ilustrada pelas propagandas analisadas acima que mesmo argumentando expressar uma modernidade são atreladas aos valores do início da República, como a mulher naturalmente doente de problemas emocionais e influenciada pelo aparelho reprodutor e o homem necessitado de cuidar de seu aspecto físico.

A norma nessas propagandas atuou regulando a postura de homens e mulheres para se comportarem da maneira desejada pelo Estado e socialmente. E foram os argumentos de cunho lógico que ocultaram a imposição através de uma ideia de necessidade o que garantiu o apoio do sexo feminino para o cumprimento das vontades do discurso dominante. A mulher foi capitulada e seguiu acreditando atender suas

¹⁰ Ver Costa apud Foucault (1979). Segundo Costa (1979), Foucault (1970) desenvolveu o conceito de Norma no decorrer de suas obras, portanto ele não referenciou um estudo específico que discutisse esse conceito, p. 50.

necessidades quando na verdade atendia as necessidades do discurso dominante. As mulheres foram convencidas, mas de uma forma que elas não se sentissem pressionadas ou sujeitadas a seguir tal argumento. Foi de forma perspicaz colocado em suas mentes que tal decisão foi fruto da possibilidade de escolha de cada uma e que baseada na razão esse ou aquele produto foi a opção mais acertada.

O regulador Sian lustra esse sentido de racionalidade de comprar o mesmo:

Figura 12 Jornal das Moças, Nº 1070,1935, p. 79.

OS REMEDIOS QUE SUA AVÓ TOMAVA NÃO SERVEM MAIS PARA A SENHORA!

HOJE A VIDA É OUTRA

A CIENCIA, NA SUA EVOLUÇÃO CONSTANTE, ENCONTROU NOVAS FORMULAS MAIS EFFICAZES PARA O TRATAMENTO DAS MOLESTIAS DO **UTERO E OVARIOS**

A MULHER MODERNA USA

REGULADOR SIAN

MARQUESE

Segundo o regulador Sian, a mulher dos anos 1930 não era a mesma de antes, então para curar os males que a afligiam deveria utilizar novos remédios e esse regulador era um deles. E a sociedade também havia mudado: “hoje a vida é outra” mostrando que para se adequar a nova configuração social, a mulher também deveria mudar. Sian, um medicamento moderno combatia de forma mais eficaz que os outros e assim as jovens que desejavam estar de acordo com esse novo tempo e serem modernas, usariam o remédio citado.

A diferença entre a mulher de antes e a atual é mostrada pela roupa que ambas usam, a primeira está com uma ampla saia de armação, um chapéu alto e uma sombrinha enquanto a segunda ostenta um cabelo curto, vestido leve com uma fenda nas costas. Além da diferença temporal, a mulher do passado passa uma imagem de rigidez e de desconforto devido a seus trajes serem tão amplos, porém a mulher dos 1930 passa uma ideia de leveza e agilidade com sua postura relaxada enquanto observa sua antepassada e vê os argumentos do remédio. Inconscientemente (ou não) as mulheres se sentiam compelidas a adotar essa postura leve e ágil da moça moderna e comprar o regulador.

As propagandas atuaram como um dispositivo discursivo e cumpriram sua função de regular os comportamentos femininos e criaram novas necessidades físicas e psicológicas para serem supridas através do consumo de seus produtos. O periódico estudado também funcionou como um dispositivo discursivo, pois de maneira sutil ou explícita serviu como um verdadeiro manual da conduta feminina. Suas leitoras procuraram se distrair com suas leituras breves, mas, sobretudo se instruir, condicionar seu comportamento para estar de acordo com a revista. As dicas de beleza foram ilustradores da norma atuante na revista *Jornal das Moças*.

Essas dicas ocupavam uma página da revista e traziam algum pequeno desenho relativo ao tema abordado e tratava sobre vários tópicos da aparência feminina como cabelos, pele e unhas. Também apareciam em curtos espaços assemelhando-se a tiras de quadrinhos formados por um ou dois parágrafos dando dicas. Não era uma seção fixa, nas revistas analisadas ela aparecem em várias edições, mas de forma esporádica e sem um local específico.

As dicas ou conselhos como está escrito em algumas matérias como próprio nome sugere são específicos para as mulheres se arrumarem de forma adequada sem parecerem mundanas ou simplórias. Elas deviam possuir um equilíbrio e até certo recato

em sua aparência. Daí para atingirem esse intento era preciso adaptar ou modificar sua aparência ao que era mostrado e aconselhado na revista. A palavra conselho é um conceito chave porque remete a dicas e sugestões que busca uma mudança, mas com o consentimento do outro, uma espécie de manipulação que o outro não percebe ou não se incomoda de se sujeitar. Pois o benefício dessa aceitação é reconhecimento por parte de suas colegas mulheres e a apreciação por parte dos homens.

Outra vantagem do conselho era de que disfarçava a noção de ordem, comando convencia as pessoas a seguirem tal ideia, mas sem ofendê-las e sugerindo que é fruto da ignorância, algo que pode ser modificado. Depois da leitura, elas aprendem como se arrumar do modo adequado segundo o *Jornal das Moças*. O diferencial é a ideia de que foram as mulheres que decidiram se arrumar desse ou daquele modo, é que os periódicos dão apenas sugestões, corroboradas pelas atrizes de cinema e do rádio que comprovam os bons resultados.

A palavra padrão é reveladora porque é uma espécie de norma que deve ser seguida. Ela regula comportamentos e censura posturas consideradas rebeldes, mas em especial previne comportamentos indesejados. A prevenção é mais eficiente que a ordem, pois não bate de frente com os endereçados de seguir a prescrição e até obtém seu apoio. Isso porque argumentando que será algo bom seguir dicas que tornam a mulher bela, atraente para um homem e de acordo com as últimas tendências, traz somente benefícios seguir tais conselhos.

Uma matéria da seção *Conselhos de beleza*:

Maquillagem- Continuando a nossa palestra sobre os disfarces que a mulher não pode dispensar para a sua apresentação na sociedade, vamos falar a respeito das unhas. [...] Quanto às unhas dos pés quando as nossas elegantes calçarem as sandálias que permitam faze-las transparecer através da meia de fina seda e delicada malha, é indicada uma côr extremamente forte que realce alinha do dedo. Agora um pouco sobrepôs de arroz [...]. Não existem duas criaturinhas às quaes convenha, ao mesmo tempo e o mesmo tom, que pode variar do branco ao violeta. É preciso, é forçoso reconhecer que a arte que a mulher mais culta pode professar é a de saber como pode se tornar cada vez mais bela e seductora (*JORNAL DAS MOÇAS*, Nº 942, 1933, p.29).

A palavra palestra no trecho remete a conferência, sugestão e não a uma ordem. Em seguida ainda alega que a leitora não pode desprezar as dicas, nota-se que a seção não manda fazer isso ou aquilo, mas sugere. É uma norma disfarçada de conselho. Pois se ela não acatar sofrerá prejuízos como não estar apresentável perante a sociedade e

não estar bonita. Mais adiante elogia a inteligência da mulher que se dedica a seguir essas dicas e se tornar mais bela e sedutora.

Nesta outra matéria sobre conselhos de beleza, a revista menciona que a beleza vai além de usar certos cosméticos ou arrumar as unhas de certa maneira:

Há duas maneiras de julgar uma mulher bella, mas é necessário poder conhecer a diferença que existe entre as duas maneiras. A primeira poderia chamar-se *belleza plástica*, pela completa harmonia de suas linhas e a perfeição geral que impressiona a vista do espectador. Esta *belleza*, diz a doutora. E quis, existe somente nas obras de arte. A outra classe de *belleza*, a dos viventes, está mais a nosso alcance; não é necessária a absoluta perfeição de linhas nem são imprescindíveis os traços impecáveis. É impossível defini-la porque é feita de uma variedade de elementos: um sorriso agradável, uns olhos sonhadores, um andar magestoso e, principalmente “esse não sei o que” que atrai um homem. [...] Em realidade, não há um critério absoluto de *belleza*. Varia de acordo com o clima e as raças. Deante dessas observações feitas por quem conhece sobre o assunto, ressalta uma verdade incontestável. A mulher para ser bella precisa, principalmente, além de dotes físicos peculiares ao seu sexo, de outros dotes morais e espirituais, sem os quais a sua *belleza plástica* ficará atirada a um canto como qualquer objeto de ornamento, que, se se quebrar, será substituído por outro, sem mais demora. Agora um sorriso agradável, uns olhos sonhadores, um andar elegante e outros predicados da graça dificilmente serão encontrados em uma mesma mulher, e, quando acontece essa deliciosa reunião, como deploram os homens a perda de tão grande raridade (JORNAL DAS MOÇAS, Nº 997, 1934, p.8)!

Segundo a coluna acima a beleza vai além de aspectos físicos mesmo eles sendo valorizados e até cobrados das mulheres como ilustra a coluna anterior. Nessa o que se destaca é a postura e o comportamento da leitora. Elas também são alvos da vigilância reguladora, pois um comportamento inadequado era desobediência às regras e a mulher seria punida, através da culpa ao perceber-se como diferente e do isolamento por parte das outras que se incomodariam com seu comportamento.

A culpa foi uma consequência da normatização feminina que através da regulação, foi eficiente em colocar a responsabilidade do comportamento nas próprias mulheres. Surgiu uma nova forma de controle mais sutil onde as mulheres passaram a vigiar a si mesmas e as outras, e quando se notava algo supostamente inadequado em si mesma, tratava dela mesma se corrigir. E quando esse controle era insuficiente, havia periódicos como o *Jornal das Moças* para reforçá-lo.

Além de se esforçar para conquistar ou manter os traços considerados impecáveis e uma beleza que se assemelha a porcelana, sua postura conta mais pontos do que sua aparência porque uma beleza atua como um ornamento; é belo, mas inconsistente e cansa um homem que pode trocá-la por outra em pouco tempo.

Enquanto que o comportamento adequado garante respeito do sexo oposto e um relacionamento duradouro, admiração perante a sociedade e a garantia de que está agindo conforme uma mulher deveria ser.

A beleza nessa coluna foi associada a moral e ao espírito sugerindo que um comportamento com essas características faria uma mulher ser bela. A moralidade remete a ideia de seriedade e sensatez. Assim um comportamento cordato seria o mais apropriado para a mulher do que uma postura insensata ou ousada que causaria uma impressão negativa. A sensualidade e a iniciativa femininas em relação romance devem ser evitadas para não passar a impressão de vulgaridade ou imoralidade. O elogio ao espírito reforça a seriedade feminina e sugere um apelo aos “dons” femininos como a maternidade.

Os olhos sonhadores e um andar elegante remetem a ideia de delicadeza e ingenuidade. Os “outros predicados de graça” embora não sejam explicitados na coluna continuam relacionados com a pretensa delicadeza feminina. A ideia de imaginação e magia é ressaltada na expressão “olhos sonhadores”, embora não explique como adquirir tal expressão. O andar elegante permanece ligado a graça feminina. O argumento é reforçado quando a coluna afirma que entende do assunto, mesmo sem mostrar as credenciais. Talvez fosse o fato de ser uma revista dirigida para as mulheres e desse modo sabia como torna-las condizentes com o que era esperado delas

Caso elas não fossem adeptas de tal comportamento elas não eram consideradas belas, mas nem todas as mulheres possuíam olhos sonhadores e andar elegante, mas precisavam adquiri-los para serem aptas a frequentar a sociedade e atrair um homem. Moças com um temperamento forte provavelmente não possuíam ou não conseguiam adotar esse olhar sonhador. Moças menos favorecidas economicamente devido à correria diária dificilmente se portariam com elegância e graça considerada necessária. Essas exigências limitavam a beleza e qualidades do sexo feminino, impondo um padrão e desconsiderando quem não pertencesse a ele ou o adotasse. Essas jovens não eram consideradas compatíveis com seu sexo e precisavam mudar de atitude e de postura.

Concluindo esse capítulo, percebe-se que a mulher representada nas propagandas do periódico *Jornal das Moças* era alguém jovem, branca, naturalmente enferma e dependente emocionalmente do funcionamento do aparelho reprodutor. A imagem do homem, ao contrário, remetia racionalidade, força física e vigor. Essas

características, por sua vez, eram resquícios da mentalidade médico higienista que foi construída e aplicada no Brasil em meados do século XIX.

A revista também atuou como um dispositivo discursivo para difundir as normas esperadas para as mulheres, de maneira explícita através de seus conselhos de beleza que procurou moldar não apenas a forma de se arrumar, mas principalmente a postura feminina perante a sociedade. A obediência de tais normas garantia a respeito da sociedade, mas em especial atenção de um pretendente e a certeza de agir conforme o esperado a uma mulher.

Ainda assim a revista desconsiderou as mulheres que por algum motivo desconhecido não desejaram ou não puderam se adequar ao que era esperado delas. Ou que mesmo não possuindo a graça atribuída ao seu sexo e a pele branca como leite, conseguiram o respeito da sociedade e a atenção masculina. Essas jovens eram exceção e não correspondiam ao padrão do periódico e não mereciam sua presença na revista.

Além de maternal, branca e recatada, a revista atribuiu a mulher outra característica, de forma sutil ela aparece na maternidade naturalizada e na dependência emocional feminina para com o parceiro. Essa característica é o romantismo, que vai ser destacado através contos do periódico estudado. Esse é tema do próximo capítulo.

3 – AS PRESCRIÇÕES DOS CONTOS PARA AS MULHERES E A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

Conquistou-o! Saberá conservá-lo?

Afinal a sua beleza venceu! Dentro de poucas horas case-se. As doces ilusões serão uma esplêndida realidade. Moça inteligente sabe que se na conquista do marido surgiram transtornos, a maior dificuldade, entretanto; será conservá-lo. Há tantas moças que são um perigo para a sua paz de casada! Mas não caberá em desleixos que a inferiorizem aos olhos do esposo. Ella está no firme propósito de cultivar os atractivos naturaes para poder apresentar ao eleito do coração, o semblante sempre agradável, a cutis macia e aveludada e o sorriso encantador. Aliás, já resolveu o problema com perfeita clarividência: vae usar, como sempre, Sabonete Eucalol à base de eucalypto que activa a renovação diária da epiderme [...] (Anúncio Eucalol, JORNAL DAS MOÇAS, ed. 1061, 1935, p. 21).

A epígrafe faz parte de uma propaganda retirada da revista fonte na qual coloca o casamento como um prêmio, uma conquista esperada e desejada. A mulher compete com outras mulheres pela atenção de um homem antes e após o casamento, sendo que a responsabilidade de conservar esse status depende exclusivamente dela, segundo a propaganda. As armas disponíveis são uma pele bem cuidada, uma postura e sorriso encantador. Nessa disputa onde o homem possui papel secundário, as mulheres são lembradas que o matrimônio não deve ser esquecido e que até mesmo a compra de um sabonete adequado pode auxiliá-las a conquistar ou garantir esse status.

O objetivo deste último capítulo é discutir os contos presentes na revista *Jornal das Moças* refletindo a identidade feminina como representação da conjugalidade moderna. Para essa discussão serão utilizados os conceitos de identidade e representação de Silva (2009) onde ambos são considerados uma criação humana que é imposta e disputada e marca ou traço do visível, exterior, respectivamente.

3.1 A construção da conjugalidade moderna

Durante o período colonial os casamentos das famílias senhoriais eram acertados e realizados em prol de interesses econômicos e sociais entre as famílias envolvidas. Quem decidia o futuro marido ou mulher eram os pais que consideravam como critério a idade dos filhos, sendo que a moça estava apta para casar desde que pudesse engravidar e o homem quando soubesse administrar suas terras e comportar-se como um senhorio rural (DEL PRIORI, 2006). O dote, a transferência de parte dos bens da família da noiva ao futuro marido, confirma o caráter econômico e contratual do casamento naquele momento.

As famílias detentoras de terras procuraram os pretendentes de seus filhos e filhas entre pessoas do mesmo nível social. Desse modo índios, negros e judeus estavam excluídos da cartela de opções, restando amigos e até parentes distantes. Percebe-se que certos sentimentos afetivos como o amor e a atração física não eram decisivos nesses enlaces. O amor no período colonial era visto e vivenciado como um sentimento fora do casamento.

Conforme Del Priore (2006) o amor no período colonial era dissociado do matrimônio e vivenciado através de encontros furtivos entre moças e rapazes que burlando a ordem paterna tentavam dar e receber “beijos por detrás dos postigos” (DEL PRIORE, 2006, p.234). Pois antes a escolha cabia aos pais, mas isso não impedia os enamorados que não possuíam nenhum compromisso acordado entre suas famílias de: “encontrar oportunidades práticas para outras aproximações” (DEL PRIORE, 2006, p.232). Mesmo obedecendo à ordem paterna de casar-se pelos interesses familiares, os jovens em raras oportunidades que surgiam buscavam o contato físico de pessoas que os interessavam afetivamente.

Até meados do século XIX, o amor não interferia na vida conjugal de ambos os sexos. Porém a presença do Estado higienista na família senhorial, cujas mudanças construídas e aplicadas sobre homens e mulheres foram mencionadas nos capítulos anteriores, começou a intervir nos critérios para um casamento. Segundo Costa (1979), o amor foi uma das estratégias medico-higienistas para estatizar as famílias, pois através do novo sentido atribuído ao mesmo, os pais passaram a amar os filhos acima do poder patriarcal e superar as suas distintas personalidades em prol de uma vida familiar subordinada à nação.

A partir de meados do século XIX os protagonistas da família foram os filhos. E a escolha do parceiro ou parceira deveria considerar o futuro dos mesmos, ou mais especificamente a saúde deles. Assim casamentos consanguíneos foram condenados sob a alegação que a descendência portaria deficiências físicas e neurológicas (COSTA, 1979). Outras exigências dos potenciais nubentes foram a boa índole do candidato ou candidata, pois a nobreza e a opulência econômica seriam desperdiçadas caso um dos parceiros possuísse vícios como o jogo ou a mulher não fosse compatível com ideal desejado e fosse uma mãe ou dona de casa negligente.

Ainda conforme Costa (1979) o amor se tornou necessário à higiene porque foi uma das poucas bandeiras morais possíveis no combate a família patriarcal. Em especial a oportunidade do direito de escolha afetiva e pessoal do parceiro ou parceira. A apropriação de ideias românticas contidas nos livros ficcionais como o embate entre o amor e a família ou entre o mesmo e o dinheiro, serviu para enfraquecer os ideais patriarcais que desconsideravam as escolhas dos noivos no tocante ao cônjuge e difundir as ideias higienistas.

Porém vale ressaltar que apesar da apropriação inicial do amor romântico, os higienistas visavam o sexo no casamento para produzir uma prole sadia. Associaram o amor com o sexo e o prazer sexual dentro do casamento para garantir uma prática sexual segura e evitar as aventuras extraconjugais do patriarca que contaminavam a família colonial com a sífilis e conseqüentemente nasciam filhos sífilíticos. Assim o casal necessitaria de praticar o sexo não como uma obrigação para gerar um herdeiro como no período colonial, mas para gerar filhos saudáveis e garantir a união matrimonial (COSTA, 1979). Assegurando desse modo o futuro da nação através de casamentos e filhos saudáveis que seriam os futuros funcionários (operários) e condutores da nação (burgueses).

Essa união matrimonial era caracterizada pelo sexo saudável dentro do matrimônio, mas também pelo cumprimento obediente de homens e mulheres de seus deveres conjugais. Os homens prometeram a buscar sustento para a família e as mulheres garantiram cuidar dos filhos, permanecer em casa e tolerar a superioridade marital no casamento. Por essa união que era a personificação do amor-matrimonial e sexual, ambos os sexos buscaram no outro as características que faltavam em suas personalidades. A mulher procurou no parceiro a estabilidade emocional, a praticidade e força, enquanto o marido buscou o conforto, o carinho e a compreensão femininos.

Desse modo apropriação do amor pelo Estado higienista apresentou seu grande valor enquanto regulador do comportamento de casais.

Esse amor deveria ser vivenciado sem contato físico até o casamento, pois a recente liberdade de escolha para o matrimônio necessitava de moderação, para as moças não desfrutarem com excesso esse direito recém-adquirido. Assim a política médico-higienista dirigiu seu controle para a influência na escolha de parceiros e parceiras. Mesmo não sendo os motivos que regiam o lar patriarcal, as jovens deveriam considerar o amor juntamente com a razão. A razão levou a escolha de um parceiro saudável, branco, de boa índole e capaz de cuidar financeiramente da família. O casamento obrigou a jovem a suportar uma personalidade diametralmente diversa da sua e a superioridade masculina na relação, administrar o lar e cuidar dos filhos.

3.2 A construção da identidade feminina.

O discurso médico higienista construiu uma mulher maternal, sensível e graciosa. Essa construção foi legitimada através dos dispositivos discursivos como tratados científicos, tratados religiosos e sobretudo na criação de uma norma e padrão específicos para as mulheres seguirem que regulavam desde sua aparência física e até sua postura perante a sociedade.

Desse modo esse conjunto de dispositivos discursivos e não discursivos legitimou essa construção para um padrão de comportamento feminino. E esse padrão que deveria corresponder ao comportamento conferido às mulheres acabou sendo incorporado pelas mesmas como a identidade feminina. Conforme Tomaz Tadeu da Silva a identidade:

E a diferença tem que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que a fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. [...]

Dizer então que ambas [identidade e diferença] são o resultado de atos de criação linguística significa dizer que elas são criadas por meio de atos de linguagem. [...] Elas tem que ser nomeadas. É apenas por meio de atos de fala que instituímos a identidade e a diferença como tais. [...] Isso significa que sua definição — discursiva e linguística — está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em campo sem hierarquias; elas são disputadas (SILVA, 2009, p. 76, 77 e 81).

Conforme Silva (2009), a identidade não é uma essência, mas uma criação humana, que através da linguagem e de suas propriedades, é atribuída pelo poder discursivo. No caso estudado foi o discurso médico higienista detentor do poder graças à aliança com o Estado imperial, que elaborou e prescreveu uma identidade para a mulher. Essa imposição utilizou a ciência da época que alegava que a mulher era fisicamente e moralmente inferior ao homem, para elaborar uma série de características atribuídas ao sexo feminino e convencer a mulheres e homens a agir conforme o desejo do Estado higienista.

Os higienistas alegaram que as mulheres devido a sua anatomia física possuíam um cérebro inferior ao do homem, portanto não deveriam frequentar as universidades e se graduar em cursos como medicina e outras áreas biológicas e exatas (COSTA, 1979). A mulher foi descrita como não intelectual, irracional e incompetente para graduar-se, trabalhar fora dos afazeres domésticos, ocupar cargos políticos e ter o direito ao voto. Retomando Silva:

A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são nunca inocentes (SILVA, 2009, p.81).

Assim a “irracionalidade” feminina foi criada e justificada para a mulher não competir intelectual e financeiramente com o homem e ameaçar a superioridade masculina no casamento. E a superioridade do homem foi necessária e utilizada pelo Estado higienista para que o marido cumprisse a função de fiscalizar a mulher, agora sua única posse e não ameaçasse o poderio estatal-higiênico sob a família, através do afrouxamento do seu controle sob o sexo feminino (Costa, 1979).

A diferenciação binária entre masculino e feminino criada em meados do século XIX, cujas consequências eram vivenciadas ainda nos anos 1930, através dentre outros modos da revista que é a fonte desse trabalho, encontra eco no conceito de identidade:

Para ele [Jacques Derrida], as oposições binárias não expressam uma simples divisão do mundo em duas classes simétricas: em uma oposição binária, um dos termos é sempre privilegiado, recebendo um valor positivo, enquanto o outro recebe uma carga negativa. Exemplos: masculino/feminino, branco/negro... (SILVA apud Derrida, 2009, p.83).

A representação ainda conforme Silva liga-se ao conceito de identidade, pois:

A representação é como qualquer sistema de significação, uma forma de atribuição de sentido. Como tal, a representação é um sistema linguístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estritamente ligado a relações de poder. É aqui que a representação se liga à identidade[...]. [...] É por meio da representação, assim compreendida, que a identidade e a diferença adquirem sentido. É por meio da representação que, por assim dizer a identidade e a diferença passam a existir. Representar significa nesse caso, dizer: “essa é a identidade”, “a identidade é isso”. É também por meio da representação que a identidade e a diferença se ligam a sistemas de poder. Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade (SILVA, 2009, p.91).

Sendo a representação como o ato de identificar, atribuir e dar sentido a algo ou alguém, os representados têm qualidades ou características atribuídas pelo discurso vigente e caso não se comportem ou se enquadrem como o esperado são hostilizados ou ignorados. Nos anos 1930, os juristas, os médicos e a imprensa do período identificaram e reforçaram a representação da mulher como a mãe, a rainha do lar e dona de casa. Segundo esses pensadores, a mulher deveria “prever e satisfazer os desejos do marido sequer expressos; dedicação para compartilhar abnegadamente com o cônjuge os deveres que o casamento encerra; paciência para aceitar as fraquezas de caráter do cônjuge” (MALUF e MOTTA, 1998, p.390).

O casamento foi enaltecido e considerado “o melhor remédio para o corpo e para alma” (MALUF e MOTTA, 1998, p.386) e se instituiu um dos grandes fatores de estabilidade social e também pessoal, pois o casamento segundo esses defensores seria a solução para os problemas emocionais de mulheres cujo comportamento desregrado ou nervosismo, respectivamente, seriam resolvidos através do matrimônio. Além dessa transformação do casamento como necessidade, conforme Maluf e Motta (1998), os solteiros eram pressionados com vários tipos de advertências caso não cumprissem com essa imposição, como a perda de seus atrativos físicos e sua saúde, além estarem “sujeitos a tornar-se escravos de paixões sexuais tirânicas” (MALUF e MOTTA, 1998, p. 387).

Todavia essa ênfase no casamento e no papel feminino no mesmo demonstra uma reação às mudanças que ocorreram na década de 1920, como a popularização do cinema norte americano e suas personagens provocantes e pelo ingresso ainda tímido das mulheres no mercado de trabalho. As atrizes de Hollywood como Clara Bow e Louise Brooks impressionaram homens e mulheres por sua aparência inovadora com

cabelos curtos, maquiagem expressiva e papéis ativos e sensuais¹¹. Expressões como *it girl* (como ficou conhecida a atriz Clara Bow), influência do cinema norte americano foi incorporada por brasileiros e brasileiras e queria dizer “ao quê de sedutora que havia em cada mulher” (DEL PRIORI, 2006, p. 275).

O ingresso da mulher da classe média no mercado de trabalho ocorreu por volta da década de 1910-20, ocasionado pela modernização das grandes cidades e a consequente criação de novos âmbitos de prestação de serviço. As mulheres assumiram cargos que exigiam certa escolaridade como professora, datilógrafa, enfermeira, secretária e telefonista. Mas houve uma diferenciação entre burguesas solteiras e casadas: as primeiras o trabalho remunerado foi recomendado como alternativa a ociosidade dentro e fora de casa, mas casadas só poderiam trabalhar com a autorização do marido e para complementar a renda familiar, situação assegurada pelo Código Civil de 1916 (MAIA, 2011).

A revista *Jornal das Moças* como periódico consonante com os ideais vigentes do período que buscava refletir os padrões femininos desejados naquele momento, também padronizou uma identidade feminina para as mulheres de classe média naquele momento. E essa definição foi expressa primeiramente no título da revista: *Jornal das Moças*, isto é, uma publicação feminina. Mesmo sendo dirigida e lida pelo sexo masculino—como atestam contos publicados com autoria masculina, ela era destinada às mulheres. Sendo para elas, a revista refletiu (ou procurou refletir) o que era ser mulher naquele momento, ou conforme esse estudo refletiu a identidade e a representação femininas pretendidas.

Pois a forma como a mulher é descrita na publicação correspondia ao que a publicação esperava da mulher brasileira, ou mais especificamente da mulher da classe média brasileira. Como foi referida nesse estudo, essa expectativa nem sempre correspondeu à realidade e a mulher da revista *Jornal das Moças* trouxe vestígios da

¹¹ Ver http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/01/150121_vert_cul_primeira_itgirl_ml Segundo o site: “A Clara Bow das telas era tão ousada quanto ela própria. Os Estados Unidos se apaixonaram por ela por causa de seus grandes olhos e sua beleza angelical, mas também porque ela era despreocupada, cheia de energia, segura de si e independente”. Segundo esse mesmo site “ela era a personificação da melindrosa”. No filme *It* (1927) a postura da garota sedutora, mas leve e divertida interpretada por Bow consagrou esse estilo de comportamento durante a década de 1920. Sobre Louise Brooks, ver: <http://botequimcultural.com.br/serie-divas-4-louise-brooks/> conforme o site “Seu filme de maior sucesso foi *A Caixa de Pandora* (*Pandora’s Box*) em 1929, rodado na Alemanha. No filme, ela interpreta Lulu, uma mulher misteriosa que seduz todos os homens que se aproximam dela”. Segundo essa publicação essa personagem foi inspirada na própria Louise e sua vida agitada, cujo amante mais famoso foi Charlie Chaplin. Seu corte de cabelo pioneiro, curto e liso, foi considerado a marca registrada da década. Sites acessados em 08/07/2016.

mulher criada pelo Estado higienista. O romantismo feminino que tem o amor conjugal como o objetivo maior também foi uma construção que o Estado utilizou para garantir o apoio feminino no tocante ao sucesso do casamento e da criação dos filhos.

3.3 A identidade feminina como representação da conjugalidade moderna

Na revista é colocado como se o casamento e amor conjugal fossem as finalidades femininas, essa alegação é confirmada através de pequenos conselhos para vida matrimonial, as propagandas que sempre mencionam ou insinuam uma relação amorosa e até os conselhos para a jovem se arrumar, não para ela mesma, mas para a sociedade e para chamar a atenção do sexo oposto.

A revista também publicava inúmeros contos, sendo que em cada edição metade dela era ocupada por contos, de autoria masculina e feminina, às vezes assinados por pseudônimos ou apenas as iniciais dos autores. Podiam ocupar uma página inteira ou até duas, em algumas ocasiões eram cortados por propagandas ou avisos levando que o conto se estendesse mais. As situações eram variadas mostrando moças ricas ou mais humildes, algumas vivenciando o primeiro amor e outras se recuperando de uma desilusão amorosa, moças meigas e encantadoras, e algumas nem tanto.

Contudo havia algo em comum em vários deles que era o casamento como o principal elemento em relacionamento entre homem e mulher, o amor puro que era mais valorizado que a família, dinheiro ou uma carreira profissional. As oposições entre amor são superadas através da mudança de status financeiro de algum dos personagens, do caráter de algum deles ou de um membro da família que era contra o enlace. A ambição ou desonestidade era punida com a doença ou morte da pessoa assim caracterizada.

E de forma mais expressiva os contos presentes no periódico *Jornal das Moças* representaram e identificaram a mulher com o amor e relacionamento amoroso, punindo-a caso não se encaixe nesse padrão:

Celina era a mais bella garota daquela vila; sabia apenas ler, mas carregava consigo uma soberba pretensão, —casar com um homem rico.[...] Era filha de pais pobres e olhada pelo povo com receio, por serem eles conhecidos como feiticeiros.

Mas, Celina era bella; a profissão de seus pais, que tanto mal causava aos nervos das matronas, nenhuma influencia exercia sobre os rapazes que a assediavam constantemente, aliás sem nenhum resultado, porque nenhum era rico.

Zeca sapateiro era o mais enamorado de Celina; [...] depois de uma luta tenaz nada conseguindo, enforcou-se. Manduca e Neneco, dois irmãos, vizinhos de

Celina, por sua causa travaram um duelo à faca, morrendo o primeiro na luta e o outro no dia seguinte.

A mãe de Manduca, abraçada ao corpo exangue do filho, proferiu uma blasfêmia e o grito sinistro ecôou pela vila afora. E na casa de Celina alguns forasteiros alimentavam lhe a esperança de encontrar um homem rico.

Tempos depois, uma calamidade passou sobre a vila, deixando, após um cortejo de ruínas humanas, a peste de bexiga avassalando tudo; deixou muitos rostos formosos transformados, com horrendas deformidades. Celina, a garota mais bella da vila, era agora uma figura grosseira com um rosto deformado cheio de profundos sulcos e um olho cego. Era o supremo castigo (Supremo Castigo, JORNAL DAS MOÇAS, N.º.864, 1932, p. 39).

O conto acima conta a história de Celina, uma garota do interior cujo desejo era casar com um homem rico. O conto critica o pensamento da moça chamando a de soberba e mostrando a disputa inútil de vários rapazes pobres pela atenção da jovem. Sugerindo que esse desejo era algo errado, como se moças pobres não pudessem almejar a riqueza como suas congêneres de melhores condições financeiras.

A “profissão” dos pais de Celina, feiticeiros, insinua que moças pobres não praticantes dessa religião não pensariam desse modo. Apesar de não especificar ou descrever qual ou como era essa prática religiosa, essa característica colocada como um defeito demonstra preconceito contra as religiões não cristãs. O irônico é que é uma mãe amargurada que solta uma blasfêmia que prejudica Celina posteriormente. Celina procura em alguns forasteiros um pretendente rico, escolha típica de uma família colonial com posses e uma característica aconselhável para os candidatos à mão de uma leitora da revista *Jornal das Moças*.

Celina foi punida com fim de sua beleza por considerar na escolha de um marido o dinheiro e não amor, o que ainda ocorria naquele momento, por diversos motivos, entre as classes mais favorecidas. A possibilidade de Celina ascender financeiramente através de algum trabalho não foi mencionada pela personagem ou pelo eu lírico. A hipótese seria que em uma cidade pequena as chances de alguma mulher ser bem remunerada eram pequenas ou então que inconscientemente pela parte do eu lírico o trabalho remunerado era incompatível para a mulher, mesmo sendo ela sem recursos ou solteira.

O amor foi negligenciado e não é sequer mencionado durante o conto no tocante a personagem, ela é uma moça que age pela razão e não pelo coração. Diferente de outros contos e mesmo da representação feminina mostrada no periódico com mulheres maternais e sonhadoras. Desse modo Celina foi punida por não se encaixar no padrão estabelecido para as mulheres da época.

Em outro conto a mulher romântica é evidenciada:

[...][...] [Lenita] Vivia alheia a tudo que a rodeava. Nada lhe despertava interesse. Nem mesmo a correspondência, outrora aguardada com febril ansiedade. Sobre a mesinha, repousava intacta uma pilha de cartas.

[...] Não tencionava abri-la [a carta] num simples gesto, queria desligar-se do mundo, romper com a sociedade injusta e má, que levando a conhecer Celso, o seu único e verdadeiro amor, lhe roubara a tranquilidade, a alegria de viver...

Súbito, porém sentiu cair lhe aos pés um envelope azulado. Reconheceu nele a letra elegante e firme de Celso. Trêmula, hesitante, interrogava a si mesma: —Devia abri-la? Que dirá meu algoz?

“[Lenita meu grande amor] devo partir. [...] [...]Dolorosa realidade—Há anos sentindo-me doente procurei um doutor. O ilustre clínico [...] disse-me: — É tarde demais. O senhor poderá ainda viver anos, mas longe do Rio, pois é incurável e contagioso.

[...]Para livrar-te desse perigoso contágio, que te traria a morte, com padecimentos renuncio a tudo que há de mais belo e sublime —o teu amor puro e sincero.

Peço a Deus que te faça compreender o sacrifício de minha renuncia, que é mais sincera prova de amor que te posso dar

O infeliz

Celso.”

Alguns minutos mais tarde, ao entrar no quarto da filha o Dr. Vilar estacou estupefato. Lenita fazia inerte sobre a cama. Entre as mãos brancas e finas, o frágil pedaço de papel azul oscilava — era a carta fatal.

Contendo os soluços, o pai auscultou lhe o coração. Cessara de bater. Realizou-se o que ele fatalmente previra — a infeliz jovem fora vítima de um coração (A Última Carta, JORNAL DAS MOÇAS, Nº. 1239, 1939, p.44).

Lenita é a personificação da jovem romântica encontrada nos romances do século XIX: jovem, bela, rica e que vive por e para o amor. Nos pensamentos da própria personagem ela afirma que se desligou da sociedade e do mundo devido à desilusão amorosa provocada por Celso. Como se ela existisse apenas para o amor e sua vida social, familiar e financeira fosse negligenciada. Lenita não menciona trabalho, família ou amigos e não menciona alguma tentativa de se estabelecer emocionalmente.

A vida de Lenita está estagnada até que ela encontra uma carta do seu amor Celso, seu “algoz” que teve o poder de destruir sua vida. Após ler a última carta dele, ela percebe que ele se afastou de sua vida para poupá-la de uma doença fatal e contagiosa. Em seguida a jovem morre no quarto. As palavras do doutor Vilar são significativas para a compreensão da representação da mulher romântica: ela foi vítima de um coração.

Nesse sentido a palavra coração foi empregada no seu sentido abstrato, Lenita sofreu uma parada cardíaca, mas a causa dessa parada foi uma forte emoção ao descobrir que seu amado Celso ao se afastar dela deu-lhe a maior prova de amor:

sacrificou seu amor pela vida da amada. A vida de Lenita, aquela que vive por amor, perde o sentido sem o amado Celso.

O comportamento de Lenita a partir do abandono de Celso não condiz com parte das brasileiras, em especial as mais simples, que precisaram buscar seu sustento como operárias ou costureiras, algumas com filhos e marido e outras apenas com filhos, apesar de uma desilusão amorosa. As dificuldades econômicas ou outra forma de pensar e agir diferente do ideal romântico permitia ou obrigava que essas jovens seguissem suas vidas priorizando outros aspectos como a família, o dinheiro e uma vida em sociedade.

O casamento é abordado como a solução dos problemas que afetam as moças como pobreza, desprestígio social, preconceito religioso (esses aludidos a Celina), solidão, angústia e depressão (referentes à Lenita). As motivações não românticas como o conto Supremo Castigo são punidas, mas o enlace continua sendo valorizado enquanto solução das dificuldades enfrentadas pela mocinha. O ideal seria o casamento idealizado por Lenita: com alguém do mesmo nível socioeconômico, onde havia atração, carinho e amizade mútuos.

Quanto às leitoras do *Jornal das Moças* o matrimônio era mencionado sutilmente ou de maneira direta nos contos e propagandas, lembrando as mesmas que os passeios no jockey club, nas praias de Copacabana ou o cinema cujo resumo do lançamento da película saia na revista¹² deveria de alguma forma auxiliar ou pelos menos não atrapalhar os planos do matrimônio. A aparência adequada conforme os conselhos e as propagandas garantiria a atenção de algum pretendente, os cuidados com a casa e com filhos instruídos pela seção Evangelho das Mães demonstram que a leitora seria uma boa mãe e os contos garantiriam a visão não apenas positiva, mas romantizada do matrimônio.

A revista prescreve que o matrimônio não é apenas necessário, mas também pode e deve ser agradável contanto que as leitoras se preparem adequadamente para esse status e cumpram seus deveres ensinados pelo periódico. A necessidade seria garantir sua identidade, equilíbrio emocional e a maternidade. O agradável seria ter um relacionamento afetivo, estável além da ascensão social. Celina personifica todas as

¹² Na década analisada nessa monografia, a *Revista Jornal das Moças* dedicava uma página ou duas de cada publicação a mostrar fotos de eventos sociais como casamentos, passeios no Jockey Club e nas praias da elite e resumo dos filmes hollywoodianos lançados.

dificuldades financeiras e sociais e Lenita as questões emocionais e em especial o fato de ter alguém que a ame tanto que sacrifica seu amor pela vida da amada.

As duas mocinhas são jovens e belas e atraem a atenção dos rapazes, mas ambas dedicam-se apenas a um pretendente, Celina busca alguém rico e Lenita não esquece Celso. Porém Lenita ama alguém com as mesmas condições financeiras que as suas e não é prejudicada, enquanto Celina é criticada e punida por aspirar um marido rico. Ambas as personagens não trabalham: Lenita é filha de médico e assim sua vida financeira é estável, enquanto Celina busca a estabilidade financeira através de um marido, sem considerar um trabalho. A sociedade e a família são negligenciadas perante o amor, pois Lenita despreza a sociedade vivendo reclusa e Celina ignora a pobreza em que vive e os pais feiticeiros para tentar realizar seu desejo.

Concluindo esse capítulo percebe-se que o casamento atribuído às mulheres na revista *Jornal das Moças* foi uma criação do Estado higienista para normalizar a família e submetê-la a sua ordem. Difundiu o pensamento de que toda mulher era romântica e necessitasse desse atributo para ser mulher ou mesmo vivenciar um amor, desconsiderando as que não possuíssem essa característica e foram felizes, mantendo algum relacionamento afetivo ou não. Desse modo convenceram-nas que o casamento era a melhor forma de serem reconhecidas perante a sociedade até de serem elas mesmas. Sugerindo que a mulher sem marido era incompleta e inadequada perante a nova sociedade vigente, a burguesa.

Esse pensamento desconsiderou as prováveis dificuldades no matrimônio durante o período estudado, como a convivência entre parceiros diametralmente diferentes e as expectativas frustradas de algum dos cônjuges, em especial as mulheres visto que os deveres femininos superavam seus direitos. Os maridos podiam requisitar a anulação do casamento caso fosse comprovado a defloração da esposa antes do casamento, mas a rainha do lar só podia trabalhar fora com a autorização do cônjuge e pôde votar apenas em 1932, através do decreto expedido por Getúlio Vargas¹³.

Sem ignorar mulheres que não tinham ou não priorizavam o casamento como objetivo maior de suas vidas, preferindo o estudo ou o trabalho e não necessitando do

¹³ Cf. em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70309/704509.pdf?sequence=2>, Código Civil –Quadro Comparativo 1916/2002 onde há um comparativo entre o Código Civil de 1916 e o do ano de 2002. Segundo o artigo 178 prescreve “§ 1o Em dez dias, contados do casamento, a ação do marido para anular o matrimônio contraído com mulher já deflorada.” Acessado em 14/07/2016. Sobre o voto feminino no Brasil conferir em: <http://www.justicaeleitoral.jus.br/arquivos/tre-sp-o-voto-feminino-pdf> JUSTIÇA ELEITORAL DO BRASIL, 80 ANOS conforme esse site o voto feminino era facultativo e ela podia isentar desse direito em qualquer idade. Acessado em 14/07/2016.

matrimônio para vivenciar relacionamentos afetivos. Esse desinteresse pelo casamento não foi mencionado na revista e qualquer insinuação de moças que paqueraram mais de um pretendente sem pretensões ou buscaram no parceiro um meio de ascender financeira e socialmente ou dividir os encargos da sobrevivência era criticado ou ignorado.

Os contos doces e moralistas estrategicamente não mencionaram essas particularidades femininas, reforçando antigos valores perante uma mulher que podia ter ou não, aspirações diferentes do esperado pelo discurso vigente e da mulher descrita pela Revista Jornal das Moças. Mesmo vivendo ou sobrevivendo em um Brasil onde era coagida pelo Estado, pela sociedade e pela imprensa a ser mãe, bela, romântica e casada, ela era mulher/moça antes de tudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Esse trabalho buscou contribuir para a temática de Estudo de Gênero, um campo bastante difundido, mas ainda com vertentes que podem ser estudadas. A diferenciação de gênero na revista *Jornal das Moças* nos anos 1930 pretendeu colaborar ao estudar Gênero em uma revista feminina circulante de outrora que mesmo com o intuito de entreter e dar dicas de moda acabou produzindo um padrão de conduta e de identidade para as leitoras em determinado momento.

Esse estudo observou como os ideais empreendidos pelo Estado-higienista vigoravam nos anos 1930 e refletiam de vários modos, entre eles na publicação estudada, uma revista publicada no Rio de Janeiro durante 50 anos (1914-1965) e distribuída nas grandes cidades brasileiras. Nota-se no *Jornal das Moças* como a ideal de mãe dedicada e carinhosa com os filhos, criação higienista, foi constante na publicação a ponto de haver uma seção específica dedicada à maternidade: *O Evangelho das Mães*.

Nessa seção havia dicas práticas do melhor modo de cuidar de uma criança e conselhos de cunho psicológico e moral (fazer festas de aniversário e ser responsável pela harmonia da casa). Entretanto problemas no tocante a maternidade ou a ausência do desejo de ser mãe não foram mencionados na revista. Ignorando tais aspectos reforçou a naturalização da maternidade no periódico e veiculou esse ideal para as leitoras.

Atualmente notam-se ainda vestígios dessa mentalidade, pois a mulher ainda é cobrada e questionada pela nossa sociedade caso não expresse vontade de ser mãe. Ou a existência de uma parcela das brasileiras que não dividem com o marido os cuidados práticos com a prole, por má vontade dos mesmos ou senso de obrigação delas.

A produção de identidade na revista se dirigiu também em relação à postura e aparência das mulheres através de propagandas exaltando determinado padrão (pele clara e traços caucasianos) de recato e delicadeza e de conselhos de beleza instruindo às leitoras a forma de atingir esse ideal. Isso demonstra uma marca do Estado, cuja prescrição da forma de agir para homens (racionalidade e força física) e mulheres (imaginação e sensibilidade) foi necessária para se complementarem ao ideal familiar estatizado elaborado.

Contudo a publicação desconsiderou as mulheres cuja aparência não se enquadrava nesse padrão ou moças sem a postura delicada e recatada que fizeram

sucesso em sociedade e chamaram a atenção do sexo oposto. Ou leitoras que não se dedicaram em obter a aparência idealizada e foram realizadas afetiva e socialmente.

Nota-se ainda a grande presença de pessoas caucasianas na mídia brasileira seja em programas televisivos ou telenovelas que não refletem a sociedade miscigenada do país. Ou em revistas de adolescentes que estampam matérias com modelos brancas e magérrimas. E através de expressões como cabelo ruim para referir-se a cabelos crespos ou do desejo das brasileiras de tornarem-se loiras com cabelo liso. Timidamente começou a valorização de cabelos encaracolados e agora há algumas campanhas femininas a respeito do vestuário feminino com o intuito de assegurar o respeito independentemente da roupa que a mulher adote.

No tocante a construção da conjugalidade, a revista veiculou em contos e até propagandas o casamento como uma das finalidades femininas e o amor como algo integrante de sua personalidade. Os contos colocavam o amor matrimonial como algo almejado e sua não realização implicavam em derrota para a mulher e o estigma de solteirona. O amor romântico foi um instrumento do Estado higienista para obrigar homens e mulheres a se comprometerem em aceitar suas divergências complementares e criarem seus filhos como servos do novo Estado.

Para o sucesso do casamento ambos os sexos precisavam cumprir seus deveres e caso um deles quebrassem as regras, em especial a mulher, seria comprometida. Trabalhos fora de casa para as casadas de classe média ou o divórcio eram ações improváveis as leitoras, pois contrariavam o ideal da esposa-dona de casa divulgada pelo periódico e pela sociedade naquele momento.

Percebe-se que ao estudar educação de gênero na revista *Jornal das Moças* auxilia a compreender certos aspectos do presente como, por exemplo, um campo de estudo dedicado a estudar as mulheres e analisar o feminino com um ser histórico. Procura também contribuir na discussão dos problemas que afetam as brasileiras como a desigualdade salarial (desvalorização do trabalho feminino fora de casa é uma das criações do Estado higienista) considerando que o estudo da História enquanto disciplina e trabalho historiográfico é uma forma de entender e se necessário, transformar situações vivenciadas pela sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALGRANTI, Leila Mezan. Famílias e vida doméstica. IN: **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa**/coordenador- geral da coleção Fernando A. Novais; organização Laura de Mello e Souza. —São Paulo: Companhia das Letras, 1997.— (História da vida privada no Brasil;1).

ALMEIDA, Nukácia Meyre Araújo de. **Jornal das moças: leitura, civilidade e educação femininas (1932-1945) / 2008.**

BURITI, Iranilson. **Leituras do sensível: escritos femininos e sensibilidades médicas no Segundo Império**/— Campina Grande: EDUFCEG, 2011.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar.** – Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. (Biblioteca de filosofia e história das ciências; v. nº 5).

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso.** Aula inaugural no college de France, 1970, p.49. Disponível: projetoforesis.files.wordpress.com/2009/08/foucault.michel-a-ordem-do-discurso-aula-inaugural-no-college-de-france-pdf. Acessado em 09/04/2016.

MAIA, Cláudia de Jesus. **A invenção da solteirona: conjugalidade moderna e terror moral: Minas Gerais 1890-1948**/Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2011.

MALUF, Marina e MOTTA, Maria Lúcia Recônditos do mundo feminino. IN: **Ver História da vida privada no Brasil**/coordenador-geral da coleção Fernando A. Novais; organizador do volume Nicolau Sevcenko. —São Paulo: Companhia das Letras, 1998. — (História da vida privada no Brasil; 3).

PRIORE, Mary Del. Magia e medicina na Colônia: o corpo feminino. IN: **História das mulheres no Brasil**/Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord.de textos). 8. ed.— São Paulo: Contexto,2006.

PRIORE, Mary Del. **História do amor no Brasil**/ Mary Del Priore. 2. Ed.— São Paulo: Contexto, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. IN: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**/ Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 9. ed.—Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

Referencias Eletrônicas:

GAUDÊNCIO, Bruno Rafael de Albuquerque. **Os lugares de circulação dos livros em Campina Grande** – Paraíba: livrarias, gabinetes e bibliotecas (1913-1953), 2013, pg.6. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1361023164_ARQUIVO_ArtigoCompleto-ANPUHBrunoGaudencio.pdf. Acessado em 21/04/2016

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**, p. 21. Disponível em: <http://www.observem.com/upload/935db796164ce35091c80e10df659a66.pdf>. Acessado no dia 09/05/2016.

<http://botequimcultural.com.br/serie-divas-4-louise-brooks/>, acessado em 08/07/2016.

<http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/jornal-mocas/111031>.

Edições utilizadas:

Nº 785 Conto Nenê, p.28, propaganda Alisante, p.39 e propaganda do desodorante Magic, p. 39;

Nº 788 Propaganda Uterosano, p. 4;

Nº 791 capa da revista;

Nº 810 capa da revista;

Nº 863 .referência um evento político, p.38;

Nº 864 Propaganda Uridina “granado”, p. 41;

Nº 942 Propaganda Saúde da Mulher, p. 9; seção Conselhos de Beleza, p. 29 e Conto Supremo Castigo, p. 39;

Nº 968 Imagem da seção Evangelho das Mães, p. 36; seção Evangelho das Mães, p. 36; propaganda batom Tangee, p.18; propaganda Saúde da Mulher, p. 5 e propaganda Bromil, p. 4;

Nº 997 Seção Evangelho das Mães, p.9, seção Conselhos de Beleza, p.8;

Nº 1020 Propaganda Óleo Royal Briar, p.23;

Nº 1021 Propaganda Creme Pollah, p.4;

Nº 1031 Conto Mãe, p.8;

Nº 1061 Propaganda Eucalol, p.21 e página da revista, p. 4;

Nº 1070 Regulador Sian, p.79;

Nº 1239 Conto A Última Carta, p.44.

http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/01/150121_vert_cul_primeira_itgirl_ml, acessado em 08/07/2016.

<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70309/704509.pdf?sequence=2>,
acessado em 14/07/2016.

<http://www.justicaeleitoral.jus.br/arquivos/tre-sp-o-voto-feminino-pdf>, acessado em
14/07/2016.